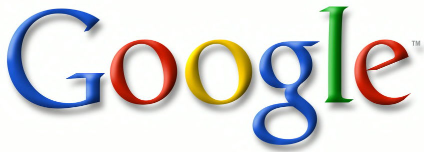




Este livro, encerra nas páginas 39 e 40 (preliminares) um juizo critico de Camilo Castello Branco.

Para melhor se conhecer a ideia literária que o "Torturado de Seide," formou sobre este livro, consultar o seu livro "Boémia de espirito, á páginas 245 (3ª edição).

Este livro, encerra nas páginas 39 e 40 (preliminares) hum juizo critico de Camilo Castello Branco.

Para melhor se conhecer a ideia literária que o "Torturado de Seide" formou sobre este livro, consultar o seu livro "Boémia de espirito", á páginas 245 (3ª edicão).

NARCISO DE LACERDA

CANTICOS

DA AURORA

COM JUIZOS CRITICOS DE CAMILLO CASTELLO BRANCO,
JOÃO DE DEUS E SILVA PINTO

FLORES D'ABRIL
PSALMOS
O HOMEM

Livraria Internacional
DE
ERNESTO CHARDRON — EDITOR
PORTO E BRAGA
—
1880

* * *

Et nunc et semper.

Ces accents, ces soupirs animés par la foi,

Vont chercher, d'astre en astre, un Dieu qui me reponde,

Et d'echos en echos, comme des voix sur l'onde,

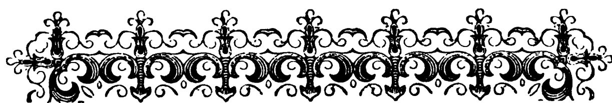
Roulant de monde en monde,

Retentir jusqu'a toi.

LAMARTINE.

A

SILVA PINTO



SILVA PINTO



São teus e da minha saudade estes pobres versos.......
....

Aquella creança, que tão cedo resvalou no tumulo e que me dera o seu primeiro e derradeiro amor, lá está com Deus: mas a Eternidade não cerra de todo as suas portas entre nós e as visões dulcissimas que a nossa mente vingou corporisar nas horas da maior ventura; nem eu sei d'uma só fibra da minha alma, onde

não viesse prender-se uma raiz d'esta saudade.

Meu amigo! Meu irmão!

Do fundo d'alma te offereço este livro — a ti, que serias o unico refugio das minhas eternas mágoas, se aos vinte e dois annos me escasseasse cá dentro o sangue que o coração envia aos olhos e os grandes desafogos arrojam para a luz, coado em lagrimas...

As lagrimas são a herança dos tris-

tes, como o peito d'um irmão é o repositorio condigno d'ellas. A ti, que m'as viste chorar e no teu peito lhes déste acolhida, que mais posso dizer?

Depois... essas perolas de luz, escorridas dos filtros da minha dôr e refundidas no crisol da misericordia divina, sóem talvez golfar das almas purificadas, quando estas vingam partir os ferros do captiveiro e se encontram em face do Creador...

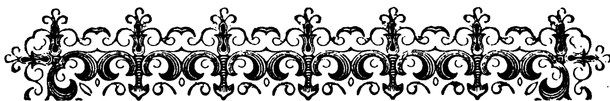
Refugios da minha eterna tristeza,

tenho-vos ainda: a ti, Silva Pinto, e ás minhas lagrimas.

É vosso, pois, este livro.

Porto, 1880.

Narciso de Lacerda.



Prefacio

O NORTE de Portugal — a colmeia opulentissima que brindou, generosa, a poesia portugueza com os nomes de Garrett, Soares de Passos, Alexandre Braga, Guilherme Braga, Alexandre da Conceição, Custodio Duarte, Manoel Duarte d'Almeida, Pedro de Lima, Guerra Junqueiro, A. Carvalhaes e tantos outros, — o norte de Portugal, dizemos, como que extenuado na uberrima pro-

ducção de opulentissimos espiritos, apresenta recentemente evidentes symptomas de esterilidade. Nas paginas das revistas litterarias e nas columnas do jornalismo diario surgem, a espaços, um e outro nome de neophytos, — nomes tão depressa soletrados como esquecidos. Estes os mais felizes. Outros por ahi vão apascentando no escarneo dos espiritos honrados as continuas affirmações do absurdo e não ha braço caridoso capaz de baldeal-os do ridiculo para a seriedade.

Em meio da escassa producção de espiritos de lei e sobranceira á invasão dos grotescos, *renascentes* no arraial das nossas letras, affirma-se uma vigorosa e brilhante vocação, — d'estas vocações irresistiveis, perpetuamente progressivas, que nos reconciliam a espaços com o Existente e que rasgam a nossos olhos o véo da Arte immaculada

e pura, n'uma hora de desconsolo e de fadiga.

Alludimos a Narciso de Lacerda.

O nome d'este poeta revelou-se recentemente, firmando em diversas folhas jornalisticas algumas composições lyricas, d'um lyrismo subjectivo, d'um sentimento profundamente humano e d'uma seiva generosa e ardente. No limitado circulo litterario, que frequentamos, principiavam de citar o nome de N. de Lacerda os mais cultos e alevantados espiritos. Creára-se então entre nós a REVISTA DE ARTE E DE CRITICA e a uma honrosa confiança mereceramos a sua direcção. Pedimos ao poeta nascente o auxilio das primicias do seu espirito. Foi-nos concedido, generoso.

Antes da sua completa affirmação, o talento do poeta percorreu em viagem de recreio, hoje convertida em ensina-

mento, diversas regiões exploradas: na poesia *Canaan*, profanada pelos devaneios criticos de estereis e odientas nullidades, affirmam-se as impressões vigorosas, colhidas em Guerra Junqueiro; nos versos subordinados ao titulo collectivo *O Homem* ha os vestigios, poderosamente accentuados, das ODES de Anthero de Quental. O poeta, com uma lealdade corajosa, apresenta-nos no seu livro a dupla miragem do seu espirito: o labor dependente, subordinado a alheio exemplo e o fructo, espontaneo e vigorosamente accentuado, da inspiração genial.

Flôres d'abril é o titulo collectivo d'este ultimo. Um olhar retrospectivo e consciente, volvido ao mourejar da novissima geração portugueza, avigora-nos, mercê de confronto meditado, a admiração pelo ardente e nobre espirito do lyrico portuense. Se é certo que o

movimento scientifico contemporaneo abre á poesia das idêas mundos até hoje subordinados á poesia do sentimento, não é menos certo — insistimos — que este ultimo se affirma com um esplendor incomparavel sobre um mar de ruidosas contestações.

Job é uma composição alevantada pelo sentimento ás mais notaveis producções contemporaneas; o *irracional* attinge na situação derradeira as proporções d'uma dolorosa concepção psychologica:

.... O misero gemia...
Mas não mais se afastou de ao pé do seu senhor,
Volvendo-me um olhar como de quem dizia:
Ninguem póde esquecer o seu primeiro amor!

Relampejar, que seria o mais brilhante d'este livro, se ante o espirito não surgisse o admiravel soneto final dos *Versos a uma mulher «morta»*:

Amar............................

É ter sempre um degráo a que subamos
Para fallar com Deus; é ter o altar
Da Fé, do Bem... e tudo que buscâmos
Na esphera azul, nas amplidões do ar,

Tel-o dentro de nós — tão bem guardado
Em nosso coração... tão bem fechado
Dentro do seio... que se a *tempestade*

Ao seio rouba quem o seio amava,
Lá fica ainda dentro d'elle, escrava,
Uma réstia de luz — uma saudade!

E ainda os ultimos versos do soneto *Ideal*:

Sinto-te palpitar no ventre do Infinito...
Respiro o teu aroma... ouço o teu canto ethereo...
Chamo-te, — foges tu como um sonho bemdito...

Vou em busca de ti, — encontro um cemiterio!
Existes! mas teu nome inda o não vi escripto!
Adoro-te! e não sei o que és, dôce mysterio!

Que serenidade melancolica, após a digressão pelas alturas! Outros de lá voltam, com a blasphemia nos labios,

traduzindo o desalento. Aquella magestade pacifica é só do crente que pede luz a um olhar de mulher, a um olhar de mãe, para a escuridade da vida. A eternidade da Poesia vincula-se á eternidade da Crença. A luz que brota d'aquelles olhos tudo illumina, menos o pedantismo, que os olhos cerra para a miseravel negação.

O Christo negro, Mysterios, Horas de paz, Peccadora, Ruinas, Lagrimas, Violeta, Adoração: que nos é licito dizer d'estas composições — os mais espontaneos e verdejantes fructos do talento do poeta, — quando para saudal-as se ergue commovida a grande voz do primeiro lyrico portuguez? As palavras de João de Deus são para nós o mais poderoso apoio e, para as vigilias d'esse talento revelado, nobilissimo e forte estimulo. Em auxilio da nossa rectidão chamáramos, contra o sentimento fra-

ternal que nos liga ao author dos Canticos da Aurora, a mais severa desconfiança; succumbiu, esta ultima, arrastada, ao exame comparativo de rectos e independentes juizos, ao ascender permanente do artista, á sua nobre tenacidade e ao desdem compassivo que lhe vai no coração de oiro pelos ladradores impotentes que lhe vão salteando o rasto.

Sim! diga-se como titulo de gloria: o apedrejamento da Inepcia « saudou-lhe » o talento na primeira hora do seu dia luminoso. Abençoado symptoma!

E n'este ponto pede a nossa lealdade uma simples observação.

A carta que segue este prefacio, devida a João de Deus, não a destinára o illustre poeta das Flores do Campo á contemplação dos estranhos: enviára-a como singela animação a um espirito que vingára merecer-lh'a. Duas razões

militavam no animo de João de Deus levando-o á hesitação perante a publicidade das suas palavras: o sentimento christão do author das FLORES DO CAMPO e a divergencia entre tal sentimento e a apparente impiedade do author dos CANTICOS DA AURORA, manifestando-se nas ultimas composições d'este livro: acrescia o honrado temor de que o vulgo confundisse por um momento em seu juizo as palavras dirigidas ao author d'este livro e os prefacios refalsados, mixto de estonteado orgulho e hypocrita modestia, que por ahi correm mundo para desgosto dos bons espiritos.

Aos honrados escrupulos de N. de Lacerda oppuzemos o nosso parecer, leal e fundamentado: pareceu-nos justa e honrosa para os dois poetas a divulgação das palavras de João de Deus, traducção d'um parecer que verbalmente nos offerecera, honrosissimo pa-

ra o author d'este livro e para nós em extremo grato; a apparente impiedade accusada occulta uma simples affirmação de Esthetica e de nenhum modo forte divergencia dogmatica e moral; no tocante á lealdade das palavras de João de Deus é inutil emittir um parecer.

O nosso Prefacio não tende, de nenhum modo, a *apresentar* o poeta portuense, menos ainda a *protegel-o*. Narciso de Lacerda pertence ao limitado numero dos que se impõem e não á espuria raça de recommendados pretendentes. O seu convite importa a nossos olhos uma offerta de igualdade que nos consola e honra. Entre o poeta e o critico é este o reconhecido.

*

No borborinho confuso das contestações e dos apodos, aos campeões da

arte pura e aos apostolos sociaes, no terreno luminoso da Poesia, não temos por inuteis algumas breves reflexões estheticas e aos luctadores de boa fé as submettemos:

No abysmo das coisas grotescas occulta-se á nossa recordação o nome de um distincto pedante, que ha pouco ameaçava com os raios da sua inepcia a *poesia lyrica* e insultava os Chénier, os Lamartine e os João de Deus, com desplante igual áquelle com que um indigena, fascinado pelos vidrilhos coloridos d'um negociante de escravatura, escarneceria, transportado á Europa, as conquistas da civilisação.

A critica de *reconstituição*, fundada por Gustavo Planche, em pleno fanatismo romantico, abriu na sua obra destruidora — e, implicitamente, creadora — um largo parenthesis de veneração. Se é certo que o Jupiter do Ro-

mantismo, Victor Hugo, sentiu arruir estrondosamente — o ruido chegou até nós — o seu pedestal, firmado na ovação irreflectida dos Vacqueries e outros fanaticos do desvairado movimento, se sentiu arruir, dizemos, esse pedestal ao impulso vigoroso do martyr da Critica moderna, o immaculado renome de Lamartine chegou até nós, livre, a um tempo, da profanação dos falsos enthusiasmos e das fundadas aggressões.

Vae largo o periodo de aggressões inconscientes e não iria mal aos obreiros marcar de vez os limites do terreno onde se agitam: condemnar Proudhon e a poesia social, que a espaços n'elle se inspira, em nome do *lyrismo*, é tão falso como aggredir o lyrismo em nome do Socialismo, ou das sciencias exactas. O culto de Proudhon não fará d'um bom lyrico um supportavel poeta

social e poderá bem perdel-o. O contrario póde dar-se, tem-se dado: o homem das ODES MODERNAS escreveu a *Beatrice;* o homem da MORTE DE D. JOÃO introduziu n'este monumento perolas de um lyrismo adoravel. Victor Hugo, poeta épico, affirma-se, a espaços, no *lyrismo,* mas o sceptro da poesia franceza passa das mãos do lyrico Chénier para as mãos do lyrico Lamartine.

Que admiraveis pontos de contacto não revelam entre Lamartine e João de Deus as palavras ha quarenta annos formuladas por Gustavo Planche sobre o author das HARMONIAS e das MEDITAÇÕES! É vêr o como o austero critico legalisou perante a Posteridade a gloria do grande poeta e formulou, ao mesmo passo, o ensinamento para os lyricos modernos, por ventura seduzidos pela imagem austera da poesia *utilitaria:*

« M. de Lamartine não tentou voluntariamente veredas novas e inesperadas: foi original a seu modo, entregou-se ao espontaneo impulso do seu pensamento, sem prevêr o ponto onde iria dar. O poeta não arranjára para seu uso um systema completo e inviolavel; *ouvira-se viver* e reproduzia fracamente as suas commoções: não dividira o seu pensamento em compartimentos symetricos: não classificára de antemão as suas inspirações futuras; não instituira colonias militares para o governo das suas idêas. Consultára sempre o seu coração, e não pensára nunca em luctar com os poetas do *raciocinio:* tal o segredo da sua popularidade ».

Isto escreviamos ha pouco [1]; mas o

[1] Vid. CONTROVERSIAS E ESTUDOS LITTERARIOS. 1878.

pleito continúa, prenhe de exemplificação, escasso de definições.

E, todavia, importa definir. Não seremos, nós, o Alexandre d'este nó dos modernos phrygios; seremos apenas um echo do omnipotente julgador [1].

No vasto problema discutido — independencia mutua da Poesia e da Moral — problema que não encontra solução nas luctas microscopicas do Parnaso, menos ainda nos apodos e nas ironias: n'esse vasto problema, dizemos, destacam-se dois problemas secundarios: os fundamentos da Moral e o alvo da Poesia. Uma vez definido o caracter individual d'estas duas fórmas do pensamento, será licito buscar

[1] Vid. o grande critico citado, MORALITÉ DE LA POÉSIE.

o vinculo — se tal existe — que constitue as divergencias.

Quaes são os fundamentos da Moral? o sentimento, a comprehensão e a vontade. Isolado, o homem, d'uma unica d'essas faculdades, têl-o-hemos incompleto no labor do seu espirito e desarmado nas luctas do seu viver. Supprimido o conhecimento preliminar de taes faculdades, teremos, quando muito, uma serie de pensamentos, mais ou menos justos, mais ou menos exactos; mas, de nenhum modo, um conjuncto systematico de idêas e de principios, um ponto de vista largo, profundo, philosophico, generalisador.

A lei moral é, pois, a systematisação da intelligencia, do sentimento e da vontade, vinculados, no mourejar do espirito humano e ainda no viver positivo.

E qual é o alvo da Poesia? a invenção e a expressão do Bello; e o subordinar a este ultimo, pela fórma, todos os incidentes imaginativos — e n'esta ampliação nos afastamos do grande critico citado, que nos guia n'esta digressão.

Logo, a reproducção dos sentimentos humanos, no que elles conteem de mais intimo e mysterioso, implica a *aproximação* das faculdades regidas pela *lei moral* e da imaginação creadora; aproximação tanto mais rigorosa quanto mais elevadas se ostentarem as aspirações da Poesia, mas tal contiguidade não exclue — antes solidamente robustece — a independencia da Poesia e da Moral.

É tempo de concluir.

CANTICOS DA AURORA é o titulo d'este livro; canticos ferventes d'uma aurora de esperanças, oxalá bem livre

de indecisões... Indecisões: porque? Ao valente espirito do poeta poderiamos demonstrar, pela exemplificação, o baquear doloroso dos sectarios da Moral na Poesia, dos obreiros que confundem e atropellam a lei moral e a lei poetica nos seus respectivos desenvolvimentos: mas, não lhe diz, mais do que poderiamos dizer-lhe, a sua inferioridade no terreno dependente, subordinado, ao confrontar esse trabalho de assimilação e o livre, espontaneo e vigoroso fructo do seu espirito? As suas diggressões aventurosas no terreno da poesia social accentuam poderosamente a incontestavel superioridade do seu lyrismo. Quando a preoccupação scientifica (?) se apodera dos espiritos d'uma geração de infantes,— que o Amor, Deus e a Natureza bemmereçam d'um espirito nobre, alevantado e valente e que o triplice poe-

ma, immutavel e eterno, avoque para o protesto mais uma intelligencia de luz, que nós amâmos.

Porto — 1880.

Silva Pinto.





EDE-ME V. uma carta, destinada a acompanhar o seu livro.

Eu tenho lido com interesse as suas composições — *Mãe, Lagrimas, Peccadora, Ideal, Sem macula, Ruinas, Job, Adoração,* etc., — e em todas vejo uma aptidão provada, cultura litteraria e mais do que isso (e sem o que tudo o mais é nada para o artista) — coração e sensibilidade.

*

Muito se podia dizer sobre o que li, mas eu é que mal o posso dizer. Uma carta banal não se admitte; e um estudo, alguma coisa digna de se lêr, e que prevenisse e guiasse o juizo publico fundadamente, nem eu tenho a saude necessaria para o fazer, nem o poderia fazer.

Porque ha de saber que não passo d'um curioso, ou antes d'um intruso nas letras. Acho-me author de duas ou tres coisas, porque uma serie de factos estranhos ao meu proposito e até á minha vontade, porque toda a desoccupação em tempo e ultimamente a necessidade me levaram a escrever. Nunca me preparei para escriptor em nenhum ramo de litteratura. A minha inclinação era outra; e ainda hoje se me visse relacionado no gremio dos escriptores, seria com uma certa surpreza. É o que me acontece sempre

que me fallam n'esta ou n'aquella coisa. Recordo-me de a ter feito, como se fosse ha muitos annos e, digo a verdade, saboreio então intimamente, e com múito disfarce, uma gotta d'amor proprio. Vaidadesinhas, a que ninguem póde escapar. Eu escriptor! eu author! eu poeta! E eu suppondo que não era ninguem!...

Tenho sempre n'essas recordações grande satisfação, mas um momento depois volto á justa insciencia dos meus meritos; e todos pensarão em augmentar o seu peculio litterario, menos eu.

. . . .

Ha, sobretudo, um obstaculo, perante o qual hesito em utilisar-me da sua escolha: vem a ser — as minhas crenças christãs. V., como vejo no plano da sua obra, sahe dos limites do dogma christão; e nem por isso V. me

inspira horror como um malvado que não crê em Deus nem em coisa nenhuma. Mas eu em todo o edificio christão vejo principalmente a igualdade e fraternidade humana, e isto me basta para não esperar nada melhor de nenhuma outra doutrina dogmatica ou moral.

Assim pois, e sem embargo da hesitação, creia que ficaremos muito amigos e que me deve ter na conta dos que teem lido e apreciado os fructos do seu talento.

Lisboa, 1879.

João de Deus.





TRISTEZA que os seus formosos versos incutem suavissimamente é o que eu chamo poesia — a alma do verso. A composição syllabica que tem este nome, se lhe falta o que quer que seja da essencia das lagrimas, é apenas uma prosa estragada pelo metro. Veja, snr. Lacerda, se me convence de que a Idêa Nova é a inspiradora da nova escóla em que V. está filiado, que eu protes-

to já d'aqui contra os apódos que alguma vez dirigi a raros discolos, què me pareceram mangar com a Idêa...

S. Miguel de Seide, 1879.

Camillo Castello Branco.

PRIMEIRA PARTE



FLORES D'ABRIL

Sans ces urnes, où goutte à goutte,

Le ciel rend la force à nos pas,

Tout serait désert, et la route

Au ciel ne s'achèverait pas.

LAMARTINE.

Á

MINHA MÃE

AO AMOR INALTERAVEL

E

Á IMMENSA LUZ



CANTICOS DA AURORA

MÃE

Anjo, Deus, ou mulher? Mysterio! — Nenhum filho
Se lembra do que viu nas entranhas da mãe.
— Quem quer fitar do sol o extraordinario brilho
Fica sempre ignorando o brilho que elle tem.

Não se explica do sol a essencia mysteriosa,
E a vida brota ao seu clarão fecundador:
Ninguem desvenda, ó mães, vossa alma luminosa,
E no entanto vós sois a incarnação do Amor!

Agosto de 1877.

HORAS DE PAZ

AO SENHOR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

I

Quem sabe se a materia apodrecida
Resurge pura ou se desfaz em nada?
Quem sabe se ficou pulverisada
A folha, pelo vento desprendida?

Quem sabe a vida, a mysteriosa vida
Na escuridão dos tumulos cerrada?
Quem sabe onde vae ter, despedaçada,
A onda do mar... e a lagrima perdida?

Quem sabe o teu destino, ó pensamento?
Tu, que varres, ligeiro como o vento,
De banda a banda a cúpola dos céos!

Quem sabe d'onde vens, luz encoberta,
Alma? Quem sabe onde tu vaes... incerta?
Quem sabe o teu futuro?...
Sabe-o Deus.

II

Se creio em ti, meu Deus! Pois quem ha posto
Lumes no céo e rosas na campina,
Na pedra o musgo, a relva na collina
E a Fé nas almas cheias de desgosto?

Se creio em ti! Pois quem ha dado ao rosto
Da mulher dois faroes de luz divina
E á rocha a gotta d'agua crystallina
E a sombra aos dias calidos d'agosto?

Se creio em ti, meu Deus!... Quando eu, outr'ora,
Quiz meus olhos cerrar á luz da aurora,
Por que não visse pelo ar disperso

Tanto sonho d'amor, que em vão sonhára,
Lembrei-me, então, de quanto me ensinára
A voz de minha mãe, junto ao meu berço...

III

Lembrei-me. E, despertando do marasmo
Que as mais robustas crenças me tolhia,
Abri os labios, onde então sorria
A estupidez cortante do sarcasmo.

Abri os labios, como se de pasmo
Fosse tomado ao vêr a luz do dia
Pela primeira vez, ou se a harmonia
Me enchesse, a vez primeira, de enthusiasmo.

*

Abri os labios para orar...—e orando,
Nas azas da oração foi-se elevando
Minh'alma ao céo; e tanto se afastava,

E tão longe subiu, tão crente e pura,
Que eu não posso hoje crêr que a sepultura
Seja capaz de m'a tornar escrava.

IV

A sepultura! — atalho que medeia
Entre o homem e Deus!... Como ha de a vida
Cerrar-se alli? Fanal que bruxoleia,
É-lhe a morte crisol, não é guarida.

A flor sáe do paúl que a enlameia;
Galvanisa-se a carne arrefecida;
«E havia de a nossa alma, a nossa idêa
Nas ruinas do pó ficar perdida?»



Doïs versos, dois fragmentos d'um thesoiro:
Vozes d'uma alma de granito e oiro,
Joia de Deus — João de Deus chamada...

Versos que eu decorei, versos escriptos
A lagrimas de luz; oasis bemditos
D'uma existencia triste, amargurada...

V

Triste... Eu sei quanto é triste andar sósinho
Em procura d'um bem que não se alcança;
Sondar de perto a agrura do caminho,
Sem descobrir um veio de esperança;

Passar... e, sequioso de carinho,
De verdade e de luz, — cega creança,
Não prevêr a attracção do redemoinho
Senão quando o baixel rapido avança;

Amar... e não se ter a quem dizêl-o;
A vida, sempre a mesma: — aspera e rude,
Como as pancadas sêccas d'um martello...

Triste, eu sei. Mas o Heroe do mundo velho,
Esse monstro d'amor e de virtude,
Ás almas tristes, deu-lhes o Evangelho.

VI

Deu-m'o tambem. Á sombra da amargura
Abri o livro santo. As leis sagradas
Fallavam-me de Deus, d'outra ventura
Não sabida das almas desterradas...

Quando, instantes depois, finda a leitura
D'essas ardentes paginas doiradas,
Alcei os olhos para lá da altura,
Senti... — senti as palpebras molhadas.

E, remexendo a cinza do passado,
Bemdizendo os que me hão amaldiçoado,
Perdoei... por amor de minha mãe

E em nome do Evangelho, onde palpita
Essa bondade mystica, infinita...
Que leva o desgraçado a crêr no Bem.

VII

Acostumei-me a lêr essa doutrina:
Retábolo d'amor e de paciencia,
Sobre que assenta a lei da Providencia,
Que as leis subjuga e o espirito domina.

Providencia, só tu. Ancia divina,
Partamos! é já longa esta existencia.
A minha idêa, após tamanha ausencia,
Ha de abrasál-a o sol que a illumina.

Abrasál-a! Quem sabe?... O peito exhausto,
Quem sabe se o darei em holocausto
Á eterna proscripção? se a bronzea tampa

Cáe para sempre?... Embora: a paz encerra.
Cubra-me os ossos um montão de terra,
Deixem-me livres os degráos da campa!

Agosto de 1879.

JOB

A

MANOEL DUARTE D'ALMEIDA

Lembro-me ainda
D'aquelle pobre cão — magro, felpudo...
No seu olhar mais dôce que o velludo
Havia um poema de tristeza infinda.

Inclinei-me na rua muita vez
Para afagál-o — e elle, agradecido,
Fitava-me d'um modo indefinido,
Rojando-se a meus pés.

Tinha um dono brutal — um operario,
A quem obedecia.
— Alma cruel que tanto lhe devia...
E que era o seu calvario.

Quando ia para casa aquelle mau obreiro,
Alcoolisado, atroz, mal podendo comsigo,
Corria a pontapés o pobre do rafeiro...
— O seu bom companheiro,
O seu unico amigo.

E o molosso cravava o olhar afflicto
Lá no fundo da abobada suprema,
Como quem procurava no Infinito
A chave mysteriosa d'um problema...

*

Encontrei-o, alta noite, ao recolher,
Pensativo, a meu lar.
A neve em flocos alastrava a rua.
E o pobre cão, de frio a tiritar,
Para entreter a fome e as mágoas esquecer
Uivava para a lua.

Uma sege partira-lhe uma perna.
Nem já do dono o misero sabia:
Suffocára-o talvez a apoplexia
De encontro á mesa de qualquer taberna.

Chamei o animal. Anciado e tropego,
O pária sem abrigo
Veio a mim, tão alegre como o naufrago
Que vê surgir da vaga um porto amigo.
Fiz-lhe festa: — elle uivou, como dizendo-me:
Oh! leva-me comtigo!

....

*

Esmaltei-lhe de rosas a existencia.
Seu ventre, revestido de fartura,
Já não impunha dó.
E porque fôra em tempo a imagem da Amargura,
O symbolo da Dôr e da Paciencia,
Puz-lhe o nome de Job.

Foi o meu companheiro largos mezes.
Se me via a scismar (eu tenho ás vezes
Momentos de indizivel abstracção)
Elle vinha acordar-me da tristeza...
E eu ficava enlevado na pureza
D'aquella gratidão...

*

Era uma tarde limpida de estio.
O cão ia ao meu lado,
Seguindo a estrada marginal d'um rio.

O arvoredo, indolente... perfumado...
Alevantava os braços musculosos
Para as ondas azues do ar lavado.

Vertia o sol os raios luminosos
Quasi a prumo. Reinava na minh'alma
Uma melancolia vaga e calma
Como o espelho dos lagos silenciosos.

E d'além, lá das bandas do occidente,
Vinha um echo dos canticos do mar,
Sublime como o extasis d'um crente,
Casto como uma noite de luar.

E o cão sempre ao meu lado,
Fitando descuidoso a placida corrente,
Proseguia na estrada, alegre e socegado.

Subito, ouvi rugir...
Era á esquerda, n'um campo. O molosso avançou,
Rosnando surdamente...
. . . .
Largo tempo esperei. Job, dolorosamente,
Poz-se a latir...
Mas não voltou.

Aproximei-me a ruminar commigo
Um funesto presagio.—Oh dôr sagrada!
A meus pés, sobre a relva amarellada,
O cão lambia a face descórada
Do seu algoz, do seu senhor antigo.

Nos labios d'este havia sangue... e vinho.
Todo o dia bebêra
Até cahir prostrado no caminho.

A Immensidade contemplava austera
O pobre do animal — todo amor e carinho
Para quem tanto mal outr'ora lhe fizera.

Senti toldar-me a vista um véo de mágoas.
Rebentaram-me as lagrimas dos olhos,
Como rebentam do oceano as aguas
Quando batem no peito dos escolhos.

. . . .

Chamei o cão... Não veio. — O misero gemia...
Mas não mais se afastou de ao pé do seu senhor —
Volvendo-me um olhar, como de quem dizia:
Ninguem póde esquecer o seu primeiro amor!

1879.

*



IDEAL

Eu amo-te no azul do firmamento mudo...
No som, no ar, na côr, em tudo quanto é bello:
Em tudo quanto é luz, quanto refulge... em tudo
Onde Deus imprimiu o seu divino sello.

Em sonhos quando durmo, em ancias quando velo,
Sempre te vejo assim, fulgurante... E, comtudo,
Teu mysterioso alvor, quanto mais eu o estudo,
Mais creio que é do céo — não posso comprehendêl-o.

Sinto-te palpitar no ventre do Infinito...
Respiro o teu aroma... ouço o teu canto ethereo...
Chamo-te — foges tu como um sonho bemdito;

Vou em busca de ti — encontro um cemiterio.
Existes! mas teu nome inda o não vi escripto.
Adoro-te! e não sei o que és, dôce mysterio!

1878.

PECCADORA

Evil into the mind of God or man
May come and go, so unapproved, and leave
No spot or blame behind.

MILTON.

I

Deixa em ondas correr, correr liberrimo
O pranto que te ensombra os olhos pulchros!
A flor da Redempção nasce entre lagrimas:
Nasce apenas á beira de *sepulchros*.

Não pollúas os labios com blasphemias;
Não creias teu peccado irremissivel.
Desça ao lodo o que é lodo! mas o Espirito
Não desce... A Alma é flor immarcessivel.

A Alma! a sempre viva! a sempre incolume!...
— Labareda immortal, que se alevanta
D'entre esfriadas cinzas, d'entre sordidos
Lameiros, — sempre pura e sempre santa!

A seiva que rebenta, clara e limpida,
Das podridões infectas e asquerosas,
E que abandona o seio dos cadaveres
Para dar vida ás petalas das rosas!

A Alma!... Nunca viste o sol, vivissimo,
Bater n'um lago que seccou de todo?
Nem por isso se afoga a luz no pantano:
Não! a luz é que afoga o proprio lodo.

A Alma é sol tambem. Seus raios candidos
Se ao pó se inclinam, resplandece o pó.
— Força immortal, que despedaça tumulos!
— Luz que abençôa a fronte das Lescaut!

*

Ergue-te, pois, mulher! Tu, a quem, tremulos,
Os pés já sangram na aspera vereda,
Ergue-te á luz em ascensão esplendida,
Tanto maior, quanto foi grande a queda!

Ergue-te á luz! e deixa os olhos humidos
Distillar esse balsamo bemdito!
Chora! que as tuas lagrimas são perolas
Que têm por leito as ondas do Infinito.

A imponderavel cruz do teu supplicio
Deu-te direito á placidez e á calma.
Esquece o que passou! Se o Infortunio
Não mata o coração, menos a Alma.

Menos a Alma, sim! a sempre incolume!
—Labareda immortal que se alevanta
D'entre esfriadas cinzas, d'entre sordidos
Lameiros, —sempre pura e sempre santa!

II

Ó Magdalena! Á hora do sol posto,
Quando se inflammam as purpureas ondas,
Vem enxugar teu rosto no meu rosto!...
Tu precisas d'uma alma onde te escondas.

Vem!... E, quando do dia a claridade
Se perder nos abysmos do Infinito,
Illumine-me os ermos da orfandade
A immensa luz do teu olhar afflicto!

Que eu sinta bem as lagrimas que choras!
Que eu soffra as mágoas que o teu peito abriga!
É bom passar da vida as longas horas
Junto á Desgraça — esta fiel amiga.

Amiga?!... Esposa e mãe. A extincta chamma
Do meu amor, só póde reaccendêl-a
Algum astro perdido, alguma estrella
Que por amor do Amor cahisse á lama.

O Amor! o Amor!... Se as almas desherdadas
O afogassem no pranto derradeiro,
Eu iria levar-te, ao captiveiro,
Lagrimas, sim... mas lagrimas geladas.

E tu murcháras, pobre flor do outono,
Sem que um unico aljofar de esperança
Te descrevesse o arco da alliança
Entre as nuvens cerradas do abandono!...

Que nem Deus funde lagrimas dispersas
Que as ausencias do céo crystallisaram;
E onde as mesmas visões que as provocaram
Jazem, como n'um tumulo, submersas.

Nem Deus, mulher! que o sei. Mas, como o incenso
Nuvem se faz nas brazas do thuribulo,
Póde um raio d'amor (consôlo immenso!)
Tornar em pranto a lama do prostibulo.

Lama, que a culpa te doou por solio;
Mas do meio da qual, se amor procuro,
O amor irrompe: — semelhante ao oleo,
Que vem á tona d'agua, sempre puro.

Sempre. E arremessem-te a primeira pedra
Os que se dizem bons e a fronte cobrem
Porque os não veja Deus — e não descobrem
Culpas, senão onde o Infortunio medra!

Esses são os que vem, do abysmo á bocca,
Cuspir o insulto ao fel do captiveiro!
Mas Deus amostra a face... — e do atoleiro
Sobe a nuvem ao céo, n'uma ancia louca.

Ancia d'amor, que o espirito domina
E a vida exsolve em lagrimas d'aurora!
Benção de luz, auréola redemptora,
Sonho insoffrido, communhão divina!

Lagrima d'alma, perola sagrada,
Que, como a gotta d'agua sobre as rosas,
Deixa vêr através, immaculada,
A ignota luz das sempiternas coisas!...

—

Chora, mulher! que se o primeiro esforço
Prantos desata, o ultimo redime.
Bemdito seja o Mal: pae do remorso!
Bemdita seja a Dôr: filtro do crime!

1879.

A UM CADAVER

Linda, linda! e innocente como as flores.
—Horisontes no olhar, immensidades
Azues, cheias de vida, luz e amores,
Vazias de tristeza e de saudades.



Tão bonita, Senhor! e tão creança!...
Vaes dar á terra um coração tão puro
Como um beijo de Deus... como a esperança
Com que uma boa mãe crê no futuro
Da filha estremecida...

....

Nunca mais, n'este inferno sem repouso,
Nunca mais provarei o summo gôzo
Do culto que te dei, pomba querida!...

*

Ai! porque não morri, quando ao tomar-lhe
Uma das mãos, alvissimas, mimosas,
Senti apenas gêlo?! — indo a beijar-lhe
Os labios, beijei terra?! — as luminosas
Ondas da minha aspiração sagrada,
Desfeitas contra a rocha fria e dura
Do meu destino mau!... — pulverisada
A Fé!... — e por noivado a sepultura!

....

Ó tranças d'oiro — raios d'essa estrella!...
Vós, que já me absorvestes tantos beijos,
Sugae, sugae á farta os meus desejos:
Bebei meu sangue... e dae-lhe vida a ella!...

1878.

SALVAÇÃO

Que importa ser captivo, se este laço
É d'amor? se, qual cysne na agua calma
D'um lago azul-celeste, a minha alma
Voga tranquilla sobre o azul do espaço?

Se tudo, quanto com a vista abraço,
Sinto que para mim se inflora e acalma,
Em quánto *os sem amor* colhem, por palma
Do isolamento, o tedio e o cansaço?

*

Dôce prisão de luz, vens finalmente
Um desejo fartar-me... intimo, ardente...
Santo reflexo de ignorado lume:

Ser muito amado, sendo muito amante.
Tu sabes, SALVAÇÃO, quanto é bastante
Este pouco em que a vida se resume.

1877.

LOIRA

—

I

Como folha que a corrente
No torvelinho levou,
Como a luz do sol poente
Que o mar ao longe apagou,
Como um canto que morreu...
Assim sou eu.

Como flor que desabrocha,
Bella, vivissima e pura,
N'alguma fenda de rocha,
Vestindo-lhe de doçura
O seio esteril e nu...
Assim és tu.

II

És como longinqua praia
Por entre a nevoa a surgir:
Eu sou onda que desmaia
E torna a erguer-se e a cair
Na onda que a onda alaga:
Vaga sepulta na vaga,
Sem nunca a praia attingir.

Sou como o nocturno véo
Que se desdobra na altura:
Tu és a estrella do céo,
Viva, scintillante e pura,
Que a noite não envolveu.

. . . .

Ai! vossos olhos, creanças,
Parecem um céo aberto:
Ó anjos de loiras tranças,
Que entreveis mil esperanças
Onde eu só vejo um deserto!

III

Tenho a saudade no peito:
Tu tens na mente — o futuro.
Eu vejo *além* tudo escuro
E o meu passado desfeito.
Volves o olhar ao oriente:
Eu cravo o meu no sol-posto...
Tenho por sorte — o desgosto,
Por caminho — o occidente.

Ao ver-te cheia de luz
Como um vaso crystallino,
Como um reflexo divino,
Como a fronte de Jesus...

Ao ver-te immersa em fulgores
Como os sonhos juvenis,
Que são os sonhos das flores...
Em vão minh'alma se eleva:
Tu és sol — eu sou a treva...
E a treva ao sol o que diz?

....

Ai! Deus te faça feliz...

1878.

NEVER MORE!

A

ALFREDO CARVALHAES

I

A vossa luz, ó cérulos espaços,
Entorna-me na alma uma tristeza
Profunda, mas que é balsamo á aspereza
Do caminho onde levo incertos passos.

É balsamo sagrado... Os vivos traços
Da passada ventura, da belleza
Dos meus dias d'amor e de pureza,
Inda existem em vós. Meus olhos baços

Acham tudo, em redor, qual d'antes era:
As estrellas, o sol, a primavera,
A luz da lua, as auras soluçantes...

E cá dentro de mim tudo mudado!
Ó céo! és ainda o céo do meu passado...
Só eu não torno a ser quem era d'antes!

II

Não sei de que nos serve n'esta vida
Um coração, aberto ao sentimento,
E uma alma, sempre e sempre embebecida
Nos clarões ideaes do firmamento...

Um desejo sem fim, — ancia perdida
Em labyrinthos mil; um pensamento,
Alto como a illusão appetecida,
Como o céo, — e arrojado como o vento...

Não sei! não sei que vale aspirar tanto,
Sentir, soffrer, amar, ter fé... e quanto
Ha ahi de bello como a luz do dia

Termol-o nós, Senhor, dentro do peito:
Se, breve, tudo em cinza cáe desfeito,
Junto comnosco, sobre a terra fria!...

Abril de 1879.

OS VELHOS

Eu comparo a velhice á imperturbavel sombra
D'um bosque secular. Comparo-a á verde alfombra
Que reveste a montanha. O austero lavrador,
Cançado de lidar, coberto de suor,
Mas sempre folgazão, vae, á hora da sesta,
A fronte reclinar no seio da floresta
E dorme... E que dormir! tão fundo... tão robusto...
E tão dôce...

Assim dorme a consciencia do justo.

*

Ó velhice! tu és a sombra florestal,
Tranquilla, viridente e providencial,
Que de encanto e de paz nos reveste a existencia,
Quando o tumulo é perto — e é pura a consciencia.
Velhos! nem vós sabeis quanto vos quero, não!
Eu chego a desejar o vosso coração
E a eterna placidez das vossas almas francas!

Quem, ao ver perpassar vossas cabeças brancas,
Não recorda seu pae — o melhor conselheiro
Que Deus mandou á terra? aquelle que primeiro
A fronte nos beijou quando eramos creanças?

....

Ó clarões do passado! ó saudosas lembranças,
Que tanta dôr me daes e me daes tanta luz...
Que tendes o espelhar das afiadas lanças
E o brilho casto e bom dos olhos de Jesus,
Como eu vos amo!...

E vós, ó corações viris,
Que sois a escola sã das almas juvenis,
Entornae sobre mim a claridade augusta
Que doira, como um sol, vossa fronte robusta!
Quero aprender tambem — quero que me ensineis
Essa immutavel paz... tudo quanto sabeis,
Tudo por que eu trocára o amor e o coração...

Cada cabello branco encerra uma lição.

1878.

SEMPER EADEM

—

A

CESARIO VERDE

Aos pés d'ella, se d'ella não ficára
Um vazio que a idêa não comporta,
Eu, batendo na face, ajoelhára,
Como ao abrir-se d'um sacrario a porta.

Tem nos labios o Verbo que conforta
E o osculo de Deus na fronte clara:
Mytho ideal, que a uma alma semi-morta
Vale mais do que o linho á pedra d'ara.

*

Prenuncio vago do que não se alcança,
Um nome tem dulcissimo: «Esperança!»
E não é mais que um dôce desespero...

Dia sem luz... hypothese... miragem...
Imagem do deserto... da alma imagem...
Velada... illimitada... E eterna?
Espero!

1879.

DEUS T'O PAGUE!

Emfim! um gôzo na vida!
Alma! minh'alma, descança!
Prenda-te á fé esta trança,
Qual cruz n'um tumulo erguida.
Bemdita sejas, creança!
Deus t'o pague, Margarida!

Ha vinte annos que minh'alma
Vaga na terra, á procura
D'esta suprema ventura:
Aurora esplendida e calma
Que o Amor na treva accendeu.
Bem hajas! Á dôr votado,
Jámais teria libado
O calix do summo gôzo,
Se o teu rastro luminoso
Não vem ensinar-me o céo!

Bem hajas, santa! bem hajas!
Foste a estrella peregrina
Que através da cerração
Salvou minh'alma da ruina...
Bem hajas, santa! bem hajas!

No cabello que me déste
Trasbordava amor, enleio,
Vida, paz, consolação...
Sabes que fiz? enlacei-o
Nas urzes do coração.

Se a morte, em dado momento,
Tentar de mim separál-o,
Hei de morrer a beijál-o...
Na hora do passamento
Será a minha *extrema-uncção*.

Depois... quem sabe o futuro?
Quem sabe se eternamente
Nos amaremos, creança?
O amor mais candido e puro,
Embora seja innocente
Como os fios d'esta trança,
Como os labios de Jesus,
É fundo como um arcano...
Luminoso como a cruz...
Grande como o grande oceano...

Que sei eu, filha? Ah, Senhor!
Culto tão nobre, tão santo,
Só o hei dado a minha mãe.
Nem sei que magico encanto
É este que assim me tem
Preso a ti, singela flor!

Sei que desde aquella hora
Em que n'um raio da aurora
Desceste do céo á terra...
Desde esse dia até agora,
Sempre por ti, dôce amada,
Alma, onde echôam meus ais,
Senti este amor profundo,
Esta ancia desmesurada,
Que por ninguem sobre o mundo
Jámais sentira! jámais!

Se em lugar d'esta medalha,
Que, qual funebre mortalha,
Fecha a dadiva sagrada...
Se em vez d'esta urna gelada,
Fosse eu a urna d'amor,
Que absorvesse o teu cabello
N'um raio de ardente enleio,
Como a luz absorve a côr...
Então, sem ninguem sabêl-o,
Leval-o-hia ao jazigo
Commigo, sempre commigo,
No sacrario do meu seio...

Isto bastou. Esta esmola...
Para mim, que sou tão pobre,
É mar de gozos que encobre
A angustia de toda a vida.
Santo Deus! isto consola!

Uma essencia indefinida
Ha em ti, que eu não abranjo:
Não sei se és mulher, se um anjo...
Deus t'o pague, Margarida!

1877.

CONSOLAÇÃO

Se, alta noite, inclinando a fronte anuviada,
Eu subo o meu olhar á abobada celeste,
Buscando pelo azul tua alma immaculada
Emquanto o corpo dorme á beira d'um cypreste;

Se, recordando o amor e as crenças que me déste,
O teu nome abençôo, ó minha eterna amada,
Parece-me que tu, rosa d'este ermo agreste,
Lá do céo, onde estás, me dizes: « Obrigada! »

E eu sinto erguer-se ao ar esta espantosa cruz...
Tornar-se-me mais leve... E as lagrimas, então,
Cada uma só, que em minhas palpebras reluz,

É qual benção de Deus a ungir-me o coração.
Ha lagrimas eguaes nos olhos de Jesus:
Lagrimas feitas luz! luz feita religião!

1878.

FLOR DO MAL

Nous voulons, tant ce feu nous brûle le cerveau,
Plonger au fond du gouffre, Enfer ou Ciel qu'importe?
Au fond de l'Inconnu pour trouver du *nouveau!*

BAUDELAIRE.

Venceste! — eis-me a teus pés, obedecendo á sorte,
Escravo da attracção que exerces sobre mim:
— Uma fimbria da terra em pelago sem norte
Não vale o sol do amor n'uma negrura assim.

Liberta do sendal de estultos preconceitos,
Vae, minh'alma! sê grande! encara, afouta, o abysmo!
Hão de embalar-te ahi os gozos mais perfeitos,
E de fogo e de luz será o teu baptismo.

Que importa navegar em férvida voragem,
Se um sopro bemfazejo equilibrar a fé?
Se através da neblina avulta dôce imagem,
Que importa que a procella angustias mil nos dê?

Para resuscitar as minhas mortas crenças,
Basta um olhar, mulher. A um simples olhar teu
Verás abrir-se a campa, e em espiraes immensas
De fogo — transformar-se o pó que alli jazeu.

Iman, perante o qual a Idêa não resiste,
Arrebata-me tudo emfim, que tudo é teu!
Mas eu quero tambem a luz que em ti existe:
Eu quero a luz do inferno — e dou-te a luz do céo.

1877.

BALSAMO

Ó meu candido amor! aurora immaculada
Que eu vi, bordada a oiro, erguer-se do Levante!
Que foste para mim? consôlo d'um instante,
Flamma que se extinguiu, nas cinzas abafada.

Tarde busquei salvar-te, ó flor da madrugada!
— Do meu seio febril na onda palpitante
Adormeceste *amiga,* e despertaste *amante!*
— A Redempção nasceu... mas já na cruz pregada!

E eu... tão pobre, Senhor! fiquei mais pobre ainda!
D'esse nucleo de bens e de doçura infinda,
— Calix onde bebi inexplicaveis gozos,

Resta-me o pranto só! mas o pranto consola.
Uma lagrima basta! é sufficiente esmola:
— Unica redempção dos grandes criminosos.

1878.

CREANÇA

Bate as azas, archanjo: as brisas são clementes.
Atira-te ao espaço e sobe, cherubim!
São livres como tu as auras innocentes
Que beijam alta noite a murta d'um jardim.

Desvia do semblante o teu cabello loiro...
Afasta um pouco mais o manto de escumilha...
Que bem te sobresáe essa cruzinha d'oiro
No roseo collo, immerso em ondas de baunilha!

Mas que é isto, creança? os pulsos já tão rôxos!
Umas algemas! tu!... Já sei o que isto é.
São faceis de partir: os elos estão frouxos,
E agora o teu algoz, ó anjo, não nos vê.

Escuta. O amor perdido é cinza ao vento dada:
Cinza que nunca mais se torna a reunir.
E dize: que te importa a crença desfolhada,
Se não murcharam inda as rosas do porvir?

Enxovalham-te os maus? embora! É lei do mundo
Corromper a desgraça e cuspir-lhe por fim:
— Como se ninguem visse um lodaçal immundo
Manchando, a cada passo, as vestes de setim!

Ergue a fronte, infeliz! Se o mundo te condemna,
Tens um mundo d'amor dentro do peito meu.
Se um sonho te arrojou ao chão d'uma gehenna,
Eleva-te n'um vôo — has de encontrar o céo.

Eu subirei comtigo. — Enlaça-me a cintura.
Parta a lima do amor o adobe que te algema!
Subir... morrer talvez!... que importa? A sepultura
Em teus braços é a minha aspiração suprema.

Porque afastas de mim a fronte contrahida?
Choras?! pobre de ti! — ninguem te abriga um ai!
A lagrima que assoma aos olhos da perdida,
Ou n'elles fica presa... ou entre injurias cáe!

Fujamos, cherubim! — Os maus que a turba acclama,
Cuspiram-te debalde: a luz é sempre luz.
Não temas que o tufão te arroje sobre a lama:
No diadema ou no charco a perola reluz.

1877.

*



ERRANTE

Quando eu, hontem á noite, (noite crua!)
Pelas ruas vagava, pensativo,
Qual navio sem leme, que fluctua
Por mercê do destino compassivo,

Casualmente, um reverbero furtivo
Irrompeu do teu quarto para a rua,
Como irrompe um amante fugitivo
D'uma varanda abaixo, á luz da lua...

Então, lembrei-me ainda, com saudade,
Dos tempos em que a minha mocidade
Fez o terror dos teus crueis visinhos...

Quando os teus labios eram de innocente,
E os meus olhos... os olhos da serpente
Que nos espreita á beira dos caminhos.

1879.

ET NUNC ET SEMPER

Mais puro que o azul d'um céo purissimo,
Mais dôce que o trinar do rouxinol,
Mais amplo que o surgir d'um arrebol
Matutino, ideal, vasto, suavissimo...

Mais intimo que Deus (Deus me perdôe!)
É este amor! tão meu, que ainda ha de,
Embora a alma a outra estancia vôe,
Viver de ti, por ti, na Eternidade.

Deixa que os maus prosigam na contenda
De infamias e labéos! A minha idêa
Não pode conceber que se desprenda
D'ella, jámais, esta immortal cadeia.

Quando o meu coração, ebrio de amar-te,
As pulsações sustar, quasi desfeito,
Para além do sepulchro hei de levar-te,
Como reliquia, dentro do meu peito.

Mudado, então, da campa o terreo laço
Em plena luz, em plena liberdade,
Teu nome, vinculado a mim no espaço,
Teu nome irá commigo á Eternidade.

1875.

VIOLETA

I

Maga visão de etherea transparencia,
Porque te vejo desmaiada e fria?
Á tua luz minh'alma ajoelharia,
Como um remorso aos pés da Omnipotencia.

Mulher! Não é da virgem a innocencia
Quem nos estanca o suor d'uma agonia:
Urna intacta, de balsamos vazia,
Deus m'a não mande aos ermos da existencia!

Não! não pode o crystal fundir-se em mágoas.
Não vae em prol do naufrago perdido
Quem nunca a vida confiou das aguas...

Tu, derradeiro amor, lirio adorado
Que o sol queimou, que o vento ha desprendido,
Só tu podes salvar um desgraçado.

II

Sim, Violeta! és aquella a quem buscava
Nas sombras e na luz meu pensamento:
Consolação gerada n'um momento
De dôr, mas dôr que purifica e lava.

Alma sublime, do Infortunio escrava,
Embebida no fel do esquecimento!
Como a ti, conduziu-me ao soffrimento
A mesma luz que a ambos nos guiava.

Bem hajas! São irmãs dos desherdados
As que a sorte engeitou. Clarões amados,
De que o meu seio jaz isento e nu,

Banhae-me, inda uma vez, a mente inquieta!
Ó visão dos meus sonhos de poeta!
Ó meu santo ideal! és tu! és tu!

III

Quando lá fóra o temporal desfeito
Nas escarpas da serra estruge e brada,
E a minha idêa ascende, equilibrada
Na aspiração d'um mundo mais perfeito,

Lembras-me tu... E abro, satisfeito,
Do meu amor a estancia apaixonada,
Para te receber, hostia sagrada,
No mais intimo vaso do meu peito.

Particula de luz, mytho impalpavel,
Confôrto immenso, ardente, inolvidavel,
Seja minh'alma o teu eterno abrigo!

Perola occulta em insondaveis mares!
Eu posso amar-te sem me tu amares...
Tu, longe ou perto, existirás commigo.

1879.

N'UMA CAMPA

Clarão de meteóro
Que, descrevendo irregular ecliptica,
Rapido perpassou junto da terra...
E foi brilhar mais longe;

Innocente chrysalida,
Que, ao suffocar-lhe a morte o extremo alento,
Sentiu ignota mão rasgar-lhe o involucro
E resuscitou pura;

Espirito celeste,
Que balouçado no halito das brisas,
Breve instante pairou por sobre o mundo...
E remontou-se á patria...

Junho de 1877.

SEM MACULA

Quando nua de todo, angelica, formosa,
Expondo á luz do sol a carne alabastrina,
Sobre a face da terra essa visão divina
Poisou a vez primeira os labios côr de rosa,

Quão doce ouvir-lhe então a falla mysteriosa...
Haurir d'aquella bocca a essencia peregrina...
Sentir-lhe o anhelar da alma crystallina...
Recolher do seu Verbo a uncção religiosa!...

Era assim a Pureza, — assim de Deus nascêra.
Mas no seio da carne insufflada uma vez,
Perde a obra de Deus quanto de Deus trouxera:

O Verbo fez-se carne... occultou a nudez...
Desde então é Mulher. — A essencia concebêra,
Para não mais surgir tal como Deus a fez.

1878.

O CHRISTO NEGRO

---

*

SILVA PINTO: — AO CRITICO

I

JUXTA CRUCEM

Quando vou visitar ao cemiterio
O negro Christo de metal fundido,
Curvada a fronte, o olhar embebecido
Em não sei que phantastico mysterio,

Lembra-me o meu amor: lirio nascido
Ao pé d'aquella imagem; sonho aereo,
Gerado e morto alli; clarão sidereo,
Entre a cinza dos tumulos perdido.

*

Mas se á noite, através da ramaria,
O vejo, á luz da lampada sombria,
Austero como um velho sacerdote,

Tudo em sombras se abysma... E do passado
Só fica o Mal, espectro ensanguentado,
Dançando como a flamma d'um archote...

II

EXTREMUM VALE

— Breve serei comtigo... disse um dia
Aquella em cujo seio eu me abrigava.
Tarde voltou! mas a minh'alma escrava
Deus sabe se até hoje a esperaria.

Foi generosa e boa na agonia,
Quando o alento da fé me abandonava:
Voltou!... e lá descança, inerte e fria,
Junto ao cruzeiro que ella tanto amava.

Voltou... formosa e meiga como d'antes!
Arfavam-lhe os cabellos ondulantes,
Tinha nos labios um sorriso amigo...

E o coveiro, ageitando-lhe o ataúde,
Cantava uma canção sinistra e rude...
E eu disse ao pó: Breve serei comtigo.

III

LASCIATE OGNI SPERANZA

Em torno da minh'alma oppressa, afflicta,
Fez-se o silencio... e Deus velou seu rosto.
Debalde em sonhos vagos hei transposto
O espaço aonde o Innominado habita.

Nem um raio de fé! nem luz bemdita!
Nem miragem que adoce o meu desgosto!...
Nada! um frio cadaver decomposto,
Um nome... e a solidão, — muda, infinita...

Por isso, quando expira no occidente
O astro creador... e dos espaços
A sombra desce impetuosamente,

Minh'alma, — escuro e vasto cemiterio,
Treme de horror ao echo dos teus passos,
Noite! irmã do remorso e do mysterio!

IV

IN TE, DOMINE, SPERAVI

E do Christo na face bronzeada
Já da tarde o reflexo se extinguia;
E a sombra do cruzeiro esmorecia,
Como uma estrella aos beijos da alvorada...

Feria-me não sei que luz sagrada...
Aquella imagem negra, luzidia,
Bem que ás vezes me enlute a phantasia,
É inda um rastro da illusão passada.

E a Noite olhou-me triste... e, qual consorte
Que em horas más nos vem dizer: sou tua,
Abraçou-se commigo, murmurando:

Ama-me! eu sou irmã tambem da Morte...
— Corria pelo céo a branca lua,
Passava o vento na amplidão, cantando.

Junho a Dezembro de 1879.

MARIA

I

Bemdita seja a luz
Que o pôr do sol me envia;
Bemdita a luz suave
Do teu olhar, Maria!

Do teu olhar celeste
Que vem dizer-me agora:
«P'ra ti serei a estrella
Das noites sem aurora;»

Do teu olhar divino,
Que é como os Evangelhos
E como a hostia santa
Que adoro de joelhos;

Do teu olhar tão puro,
Do teu olhar tão terno,
Que se me infiltra n'alma,
Como um olhar materno;

Do teu olhar bemdito
E cheio de innocencia,
Que ás vezes me parece
O olhar da Providencia;

Do teu olhar querido,
Que eu sei que é todo meu;
Do teu olhar sereno,
Do teu olhar do céo;

Tão bello como os astros
Que a escuridão povôam;
Olhar, onde se abrigam
Meus sonhos, quando vôam;

Olhar, de Deus herdado,
Olhar, dos céos volvido,
Olhar mysterioso,
Profundo, indefinido...

Bemdito seja o ventre
Que te gerou, Maria!
Bemdita a luz suave
Que o pôr do sol me envia!

*

Na rocha, ao pé do mar,
Eu fui sentar-me ha pouco,
Scismando n'esses olhos
Que dão commigo louco.

E mesmo sobre as ondas
Do mar se reflectia
A luz inexplicavel
Do teu olhar, Maria!

Olhar, que eu a principio
Suppuz milhões de estrellas
E a' vaga o espelho aonde
Se reflectiam ellas.

Ai! nada ser podia
Senão a claridade
Que sobre mim entorna
O teu olhar, Maria!

Andava ao longe o vento
Pelos pinhaes chorando...
E as nuvens, cheias d'agua,
Cobrindo o firmamento,

Passavam, como agouro
De indomita procella,
Levando sob as azas
A derradeira estrella.

O céo era um abysmo...
E os roncos do trovão
Bramiam, indomaveis,
Por entre a cerração.

E as ondas estoiravam
De encontro á penedia...
E sempre a illuminar-me
O teu olhar, Maria!

Vê tu! Se a tempestade,
Com seu rugir profundo,
Pairava ameaçadora
Por cima d'este mundo,

E nunca se extinguia
Do céo da minha idêa
A luz immaculada
Do teu olhar, Maria,

Vê tu que não seria,
Se as bagas do teu pranto
O teu olhar ceruleo
Ungissem noite e dia!...

Ai! não! Se eu amo o pranto,
Quero chorar só eu.
Por balsamo das lagrimas
Basta-me a luz do céo.

*

Bemdita seja a luz
Que o pôr do sol me envia;
Bemdita a luz suave
Do teu olhar, Maria!

II

Tudo morreu!...
Como se some, breve, em nossa fronte
A agua do baptismo...
E o dia no horisonte
E as aves pelo céo,
A minha luz sumiu-se n'um abysmo.

....

O teu ultimo olhar viu-me prostrado
Ao peso d'uma cruz,
Á sombra d'esta dôr;
D'esta suprema dôr que me ha velado
Aquella doce luz,
Aquelle santo amor.

*

Hoje vi-te passar... Ha longos mezes
Que te não via.
E buscavas-me tu?! Ai! a agonia
Matou-me:—e não se morre duas vezes.

Bençãos d'amor
Já não são para ti, lirio cortado,
Perdida flor!

Se alguma coisa tens que te desgoste,
—Remorsos do passado,
Saudades do que foste,—
Ergue um supplice olhar ao Pae celeste
E pede-lhe perdão do teu peccado...
Eu perdôo-te o mal que me fizeste.

1877 — 1879.

D'UM POEMA D'AMOR

ULTIMA FOLHA

Martyr! unico amor da minha vida inteira!
Ó saudade immortal! ó gôzo d'uma hora!
Que vou eu ser sem ti, clarão d'esta cegueira?
Sem ti, rapida luz! phosphorescente aurora!

Não! Do espirito meu conservo-te ainda á beira,
Tão perto, quão de mim o teu distante mora.
Ficaste, intima crença! intima e derradeira!
Salvei-te do naufragio, herança redemptora!

Que o balsamo caudal que as minhas faces unge,
Que as lagrimas que choro e a mágoa que me punge
Possam lavar a offensa... e o remorso... — Depois,

Irei buscar-te *lá*... no céo... O Inconcebivel
Concebe-o a dôr... e a fé. Ámanhã — é possivel —
Serei junto de ti. Até ámanhã, pois.

1879.

NA HORA DA PARTIDA

VERSOS RECITADOS POR UMA ARTISTA

No theatro nasci. Tive um berço de luz!
Um baptismo de fogo — a Arte! sacrosanto
Clarão que nos deslumbra e queima... e nos conduz
D'uma aurora d'amor a uma noite de pranto.

Temi a escuridão: tentei fugir... — Loucura!
Quem pode renegar o berço onde nasceu?
Atirei-me ás soidões da minha noite escura,
Como a ave se atira ao regaço do céo.

Encontrei-vos então. — Um brilho mysterioso
Guiára-me no ermo, assim como um pharol. . .
E eu, seguindo de longe o rastro luminoso,
Achei-me de repente inundada de sol.

Porém hoje o clarão que vos cinge e me afaga
É mais dôce... e não vem minha fronte escaldar:
Resplende como o azul do céo quando se apaga
O dia — e começa a romper o luar.

São as consolações da hora da partida,
D'esse instante de lucta entre a *vaga* e os *escolhos:*
Hora de gôzo e dôr, em que ha mais crença e vida...
Mais luz no coração... mais lagrimas nos olhos!

O suavissimo arfar das vossas grandes almas...
O effeito d'esse amor... nem vós o avaliaes.
Não são de triste gloria as ephemeras palmas:
São vislumbres do céo, — são bençãos que me daes...

São degráos por que a alma ascende á immensidade...
São balsamos... — nem tenho outra consolação:
Pois que emquanto vos dou um mar de claridade,
O panno desce... e dá-me um mar de escuridão.

Emquanto o enthusiasmo em vossas frontes brilha
E c'rôas me teceis de indulgencia e carinhos,
O ardente soluçar da minha pobre filha
Transforma cada c'rôa em diadema de espinhos!

A gloria, santo Deus! é tumulo cerrado.
Só na treva é que a luz mostra o seu esplendor.
Quando Christo bebia o fel do condemnado,
Soletrava o universo um poema d'amor!

Ah! vós, que bem sabeis quanto soffro n'est'hora,
Dae-me, ainda uma vez, o vosso coração:
Quero n'elle imprimir, como uma eterna aurora,
O protesto immortal da minha gratidão.

Portuenses, adeus! Adeus, terra bemdita,
Que foste para a actriz uma segunda mãe!
A todos levo n'alma. — A alma é infinita:
Ha de ser infinita a saudade tambem.

Março de 1879.

MYSTERIOS

I know not what I ask, nor what I seek...
Byron.

Não sei como chamar-te, ó formosura,
Que em sonhos vejo e adoro, noite e dia.
És talvez Marion, talvez Maria...
Um genio mau... Talvez uma alma pura.

Não sei! Este anciar que me tortura,
— Religião das horas de agonia,
Lembra uma campa, no intimo — vazia,
Por fora — os sete sellos da Escriptura.

Nevoa da tarde, purpura da aurora,
Lodo que avilta, uncção que revigora,
Vertigem do infinito, anceio eterno,

Apostrophe suspensa, irrespondivel,
Talvez mulher... Talvez um impossivel...
Miragem vã!... delicioso inferno!...

1879.

SEMPITERNA

Se um ai, se um gemido
Me salta do peito
Em fel embebido,

Sem echo é desfeito
Qual nevoa do ar,
Ou sonho que ao leito

Nos vem afagar...
Ou floco de espuma
Nas aguas do mar...

Esp'ranças, nenhuma!
— São rosas que o vento
Baniu, uma a uma,
Do meu pensamento!...

Em breve... quem sabe?
Meu peito tristissimo
Talvez que desabe

No pó. Mas teu nome,
Qual facho santissimo
Que não se consome,

Subindo abraçado
Ao ultimo adeus,
Vêl-o-has, transformado

Em vívida estrella,
Sorrir da procella
No manto dos céos.

1875.



O bem que achei n'um peito bem amado
Melhor me fôra nunca o ter fruido;
Que não andára eu hoje apoquentado
Com saudades d'um bem que me ha fugido.

Para d'um bem ficar desenganado,
Não vale a pena bem haver querido;
Que o Bem só alimenta o desgraçado
Quando está longe e é bem appetecido.

Vejo-te em sonhos, pallida mulher:
Vou pelo mundo, louco de saudade,
Vêr se te vejo — e vejo... sem te vêr!

Mas a lembrança d'um amor profundo
Sempre allivia a nossa soledade,
Bem que nos faça aborrecer o mundo.

1879.

RUINAS

Minha, sim! mas um momento.
— Passaste, visão doirada,
Como as aguas na levada
E nos espaços o vento.

Passaste como uma luz
Ao longo de escura nave;
Como o gorgeio d'uma ave
Pelas alturas azues;

*

Como o ultimo sorriso
Nos labios do moribundo;
Como no inferno do mundo
Uma hora dc paraiso.

E fui eu que tal magia
Desfiz no pranto que choras!
— Pranto onde nadam auroras,
Auroras que não têm dia.

Fui eu a mancha brutal
Que no seu lobrego amplexo
Suffocou todo o reflexo
Da pureza — esse crystal!

Fui o vendaval medonho,
Foste a urna espedaçada.
Eras o abrir da alvorada,
Eu fui o fecho d'um sonho.

Fui o sceptico que eleva
O frio olhar para a cruz:
— As almas feitas de treva
Não comprehendem a luz!

Jurei eu, quando á tua fronte
Roubava o sacro diadema,
Dar-te amor — esse horisonte...
Dei-te a deshonra — um problema!

Mais tarde no mar da vida
Lancei minh'alma á procella:
— Barca sem rumo e sem véla,
Dessem-lhe as ondas guarida!

Era como um pequenino
Perdido n'um labyrintho!
Enchi de fel e d'absyntho
A taça do meu destino!

Quiz, com as furias do Mal,
Partir da dôr os escolhos.
P'ra dois remorsos — teus olhos —
O esquecimento — um punhal.

Em vão! A sombra d'um crime
Que a nossa idêa não mede,
Quando ás lagrimas não cede
O olvido não a redime.

Para vingar esquecer-te
Fôra loucura um esforço:
Pude esquecer-me e perder-te,
Mas não se esquece o remorso.

Embora! Fique o martyrio,
Vibrando d'alma o psalterio!
Fique ao menos esse lirio
No chão d'este cemiterio!

E se esse olhar que foi meu,
Se esse sol que a offensa encobre
Pode ainda dar-se ao pobre,
Como uma esmola do céo,

Apaguei-te um astro — o amor,
Accende um outro — o perdão!
Sê tu a voz do Senhor,
Remindo o proprio ladrão!

. . . .

Depois... ó ventos da serra!
Vós, que lhe enxugaes as aguas,
Trazei-me um palmo de terra
Onde eu sepulte estas mágoas:

Onde os meus desejos frios
Durmam seu ultimo somno,
N'aquelle dôce abandono
Dos miseros cães vadios!

Dezembro de 1878.

FLORES DA SOMBRA

Occhi miei, oscurato è 'l nostro sole...
Petrarca.

I

Ai! os nossos passeios pelo rio!
A nossa infancia, de illusões tão cheia!
Que tempo! quando a mente se incendeia,
Como as florestas ao calor do estio!

Hoje, se acaso, de illusões vazio,
Ouço o chiar d'um carro pela aldeia,
Vem-me á lembrança uma saudosa idêa,
Desatam-se-me as lagrimas em fio.

Inda ha pouco, trepado nas escarpas
Do monte, ouvindo dos pinhaes nas harpas
As melodias santas do Infinito,

Eu lembrei-me do tempo que lá vae...
E cahi de joelhos, como cáe
Aos pés de Deus um reprobo maldito.

II

A Morte! a eterna amada do poeta!
Minha innocente e ultima esperança!
Folha de lirio murcho, onde descança
A Aspiração — a etherea borboleta!

Eu, que no exilio envelheci creança,
Sempre te amei, consorte predilecta!
Porque em minh'alma, de ancias mil repleta,
Só tu existes, sepulchral herança!

E pois que o gêlo do teu seio abriga
Tanta miseria, tanta dôr obscura,
Abre-me o seio teu, fiel amiga!

Dá-me a tua mão! — Não ha poder que corte
Esta cadeia fraternal e pura,
Que prende o Amor, a Mocidade e a Morte.

1879.

LUZ E LABAREDA

Á

FERNANDO LEAL

Uma vez, levantei ao céo, razos de pranto,
Os olhos meus... Havia apenas uma estrella
N'uma fimbria d'azul, — qual pobre flor singela
E pura, abandonada em arido recanto.

Dos seus beijos de luz, d'aquelle mago encanto
Nada resta porém. Era innocente e bella...
Quiz amar-me: cahiu! — A aza da procella
Ergue aos astros o pó: lança ao pó o que é santo.

Mergulhado outra vez n'uma anciedade infinda,
Tentei de novo o amor... e pude amar ainda!
Amar o inferno, o abysmo, a convulsão e a lucta...

Alma cheia de fel, sepulta no atoleiro,
Amei! Mas o clarão do meu amor primeiro
Brilhava, como um sol, ao pé da prostituta...

1879.

CEGA

Á

LUIZ BOTELHO

Sentiu que ia ser mãe. Restava-lhe essa crença...
Mas quando deu á luz o seu primeiro filho,
A pobre estava cega. Uma horrivel doença
Aos olhos seus nublára inteiramente o brilho.

Cega, quando o seu ventre era uma immensa aurora!
Cega, n'aquelle instante em que toda a mulher
Julga pequeno o sol, indigno de aquecer
A fronte virginal d'uma creança loura!

Foi crescendo o rapaz. Tinha um culto: — o Trabalho;
Um só deus: — a Vontade; e fé: — revolução
Pacifica do amor, da bigorna e do malho:
Doutrina do porvir: santa religião!

Oh! mil vezes bemdita a alma valorosa,
Que, arrostando da sorte a tragica batalha,
Vae deixando após si uma onda luminosa,
Herança salutar do homem que trabalha.

. . . .

Uma tarde, (ia o sol baixando no horisonte)
O intransigente heróe, oppresso de fadiga,
Sentou-se ao pé da mãe, limpou o suor da fronte,
E disse-lhe a sorrir: «Oh! minha santa amiga,

Martyr austera e boa, a quem devo a existencia!
Posso abraçar-te emfim.—Trinta annos de labor
Acabam de firmar a nossa independencia.
Mulher! déste-me vida: eu dou-te o meu amor.»

Oh! milagre do Amor!...
A pobre, ajoelhada,
Tres vezes balbucia o nome de Jesus;
Dizendo, com a voz de lagrimas cortada:
«Emquanto pude ver nunca vi tanta luz!...»

1878.

HENRIQUE MARINHO

Eterna, dolorosa, irreparavel
A perda foi d'aquelle amor suavissimo:
Amor, que o meu espirito afflictissimo,
N'um momento de paz, crêra immutavel.

Sepultado nas brumas do Insondavel,
Inda deixou do seu clarão vivissimo
Um rastro, um rastro só, deliciosissimo,
Phosphorescente, casto, inolvidavel...

Sulco immortal, que lá da Immensidade,
Quanto mais puro brilha e me arrebata,
Mais me tortura e desespera e mata...

Supplicio atroz, chamar-lhe-hei saudade:
Já que um nome tão dôce lhe puzeram
Homens, talvez, que nunca amar souberam.

1879.

OS MAUS

Dizem que sou atheu — porque não creio n'elles...
Porque só creio em ti, reverbero do céo!
Em ti, que, embora a face ante meus olhos veles,
Sei que existes como o ar e como existo eu;

Em ti, que eu vejo sempre embora te não veja:
Em ti, Hostia d'amor, que eu sinto n'alma erguida,
Como a cruz do Senhor no vertice da egreja,
Sempre cheia de luz, sempre cheia de vida...

Eu creio... e creio muito. E chego a contemplál-os,
Com muita dôr, os maus — sem fé, sem coração.
Quem sou, sabel-o tu... e basta. Elles... deixál-os
Dizer que sou atheu... Não creio n'elles, não.

1878.

PUREZA IDEAL

« Ó clemente, ó piedosa, ó dôce,
ó sempre virgem... »

És tão linda e tão pura, que eu dizer-te
Nem sei se te amo a ti, ou se amo Deus
Em ti. És como o céo: — se comprehender-te
Busco, blasphemo. Espiritos atheus

Querem-se assim... sonhando novos céos:
— Céos que adivinho em ti, pomba!... E perder-te
É perdêl-os tambem; o ultimo adeus
Dizer á ultima crença...
Ai! possa eu vêr-te

Sempre como hoje... assim... do teu regaço.
É tão grato a quem morre de cansaço
Ter onde repousar, ó sepultura

Que um sonho negro tornas côr de rosa!...
Entre as mais santas, santa! ó mysteriosa,
Ó dôce, ó sempre virgem creatura!...

1878.

ADORAÇÃO

AO SENHOR

JOÃO DE DEUS

Não... Lagrimas, nem sempre.
Ó minha dôce amada,
Olha os plainos do céo. A estrella da alvorada
E as canções matinaes da alegre cotovia
Já correram no azul. Eis que desponta o dia
E com elle o trabalho, a vida, a actividade,
Tudo quanto produz de bom a claridade!

Como uma taça enorme, o largo céo profundo
Vae prelibando a luz e entorna-a sobre o mundo.
O atoleiro reflecte a candidez do céo,
Como esta alma reflecte o amor e o nome teu.
Ave e planta e reptil, astro, lodo e pureza,
Tudo canta na voz da grande natureza
E se espraia, a sorrir, pelo horisonte fora...
Levantemo-nos, pois, n'um raio d'esta aurora
E soltemos ao vento, ó minha eterna amada,
Nossas canções d'amor, puras como a alvorada.

Ó divina manhã! ó santa claridade!
Reflexo virginal da minha mocidade,
Quem te mandou romper as trevas d'este abysmo?
Deus? Talvez. O remorso é um segundo baptismo.
O halito fatal das plantas venenosas
Sobe ao céo, como sobe o perfume das rosas.

Vi-te ao pé do meu berço: és quasi minha irmã.
Se a vida te foi sempre esplendida manhã,

Se inda te não sagrou do Infortunio o diadema,
O amor fez-te vidente. A minha vida, um poema
De remorsos e dôr, pôde arrancar-te pura
Uma lagrima, — um sol por entre a nevoa escura
Da minha solidão. Buscando-me á procella,
Affrontaste a aridez d'um circulo polar.
O amor alçou-te a Deus; Deus fez-te flor e estrella:
Estrella matutina e flôr crepuscular.

Astro, flor, obrigado! obrigado, creança!

Qual se abraça o doente á ultima esperança
E ao padre o condemnado e o moribundo á cruz,
Minh'alma se abraçou ao teu rastro de luz,
Farol de salvação e derradeiro amparo.
Então, o teu olhar, como um lago azul-claro,
Abriu-se para mim; e uma alegria estranha,
Como pode sentir-se á vista d'uma fonte
Quando a gente atravessa uma arida montanha,

Varreu, como um tufão, as nuvens do horisonte.
Creança! é teu olhar como um elo doirado
Que prende esta existencia ao dia de ámanhã.
Foi Deus quem te mandou. Anjo e Deus, obrigado!
Em vez do esquecimento encontrei uma irmã.

Casto lirio do val, aberto ao pôr do sol
E á noite transformado em astro, em arrebol,
Foste a benção de Deus sobre o meu peito enfermo,
Serás o céo azul da minha adoração.
A flor da soledade é o balsamo do ermo.
Minh'alma é o ermo: és tu a flor da solidão.

Ai! fosse o teu aroma immortal, flor singela!
Sereno como a rocha em meio da procella,
Fôra immortal tambem o meu culto, esta onda
Que cresce mais e mais... e alfim talvez se esconda
Na Eternidade... em Deus... — qual furiosa rajada,
Que estruge e se contorce e se alevanta e brada
Como quando na praia estoira o mar profundo,
E após, sumir-se vae nos abysmos do mundo

E acaba a ciciar...—Teu constante perfume
Eterno conservára o sacrosanto lume
Que ondula dentro em nós e ao qual chamamos vida.
Se porém, findo o encanto, á sepulchral jazida
Volvermos, como volve a folhagem no outono,
Sem que um raio d'amor o imperturbavel somno
Da materia illumine,—além, na immensidade,
Viveremos em Deus, na luz, na eternidade...

Imagem de aurea luz, que o pranto meu estancas,
És bella como são aquellas nuvens brancas
Que eu lá distingo em baixo, ao longe, a perpassar
Subtis, muito subtis... sobre o espelho do mar.
Quando o rubor, porém, te unge a face sagrada,
Eu comparo-te então á nuvem carminada,
Quando o sol, que descáe, lhe imprime o ultimo beijo:
Hora dos rouxinoes, da ancia, do desejo
Vago, mystico, incerto... hora suave, pura,
Santissima, que Deus legou á creatura
Para chorar e crêr;—instante que eu bemdigo
Em nome dos que o céo têm por unico abrigo.

Tambem como esses fui; e sei que é bom chorar
Nas horas da saudade, á luz crepuscular...

....

A alma esfarrapei p'ra compôr este canto.
Consola-me saber que has de enchêl-o de pranto,
Ó divina mulher, ó santa entre as mulheres!
Teu pranto faz-me bem. Se antes de tu morreres,
Minh'alma, equilibrada em teu olhar sereno,
N'esse olhar que parece o olhar do Nazareno,
Se erguer á luz, rasgando os funerarios véos,
Minh'alma irá prostrar-se humilde aos pés de Deus
E ha de dizer-lhe: «Pae! deixa viver a flor
Que tanto amei na terra e lá ficou chorando!
Em quanto ella viver, terei o seu amor,
Senhor! Senhor! Depois, e fatalmente, quando

O halito da morte ella tambem presinta,
Ha de em mim resurgir, ser eu, sem que eu a sinta
Para que a possa amar...»

. . . .

Mas basta: o tempo avança.
Vamos gozar a aurora: amemo-nos, creança!

1879.

A ALMA

---

*

JOÃO D'OLIVEIRA RAMOS

A Eternidade! a mysteriosa arteria,
Robusta, incorruptivel, palpitante,
Aonde a Vida baterá constante
E a Força, independente da Materia!...

A Alma! a sempre viva... a flamma etherea...
Contextura dynamica, pensante,
Do meu sêr... — Eis o poema deslumbrante,
Que a mão de Deus fechou na paz funerea!

Ser-se immenso! passar-se da amargura
A um novo cyclo, a uma existencia pura...
Refluir do Immortal ao seio eterno...

Quasi impossivel de se crêr... mas crê-se!
—Luz que emana do céo e nos aquece
Cá em baixo, como um osculo materno!

1878.

Aquellas avesinhas
Que brincam na deveza,
Tens visto como fogem
De nós, as pobresinhas?
Assim tambem, Leonor,
Minh'alma, á terra presa,
Se acaso se apercebe
Da luz do teu amor,
Do sol d'um riso teu,
Do echo dos teus passos,
Emquanto que aos teus braços
Eu desço, ella os espaços
Transpõe, rompendo os laços,
E foge para o céo.

*



Pois se a ventura existe,
Porque não hei de obtêl-a?
Como a ventura é bella!
Como esta vida é triste!

— Por que razão sumiste,
Nuvem, a minha estrella?
— Nasci para escondêl-a:
N'um sonho o Bem consiste.

N'um sonho: vês, Leonor?
Para que amar-te, pois?
Não é um bem o amor?

E ao Mal não se resiste.
Agora... um bem: depois...
N'um sonho o Bem consiste.

VERSOS A UMA MULHER «MORTA»

L'amoureux pantelant incliné sur sa belle
A l'air d'un moribond caressant son tombeau.

BAUDELAIRE.

I

IGNOTA DEA

Amar-te! E pode acaso equilibrar-se a Fé
Entre uma alma que soffre e um mundo que escarnece?
Não sei! mas creio em ti, como o engeitado crê
Na mãe que não conhece.

A Esperança, encobrindo a angustia que a descora,
Ergueu-se inda uma vez, com sobrehumano esforço,
Nas ondas d'este mar.
E espero! — como espera a noite do remorso
Os primeiros clarões da suspirada aurora,
Que tarde vê chegar!

Eu não sei quem tu és! mas sei que, mergulhado
No luminoso arfar d'essa alma de diamante,
Senti cá dentro erguer-se inteiro, palpitante
O Amor, — que eu arrancára ha muito do meu peito!
Torrente irresistivel,
Arrebata comtigo ao vacuo constellado
Meu coração desfeito
Nas ancias do Ideal, nos sonhos do Impossivel!
Submerge-me em teu ventre, ó pelago insondavel!
— Ubre onde sorve amor quem já não *sabe* amar.
— Evangelho onde a alma aprende o Inexplicavel.
— Sôpro que faz da cinza a flamma resaltar.

Mas nos tempos que vão, — d'atroz positivismo,
Renega a sã razão quem pensa em taes loucuras!...
Atire-se a tristeza á paz das sepulturas
E cubra-se de terra o pallido lyrismo...

E visto ser chimera a chamma que serpeia
Em torno aos corações, qual astro na amplidão,
Deixemos que se extinga a luz que nos rodeia,
E ponhamos a alma em arrematação.

Compra-me tu, mulher, os canticos extremos,
— Reliquias que salvei, immersas em pureza.
São canticos d'amor, são extasis supremos...
E esta lyra é de ferro e vale quanto *pesa!*

Ó *sol do boulevard!* se apaga teus desejos
O velho madrigal, o choque do *improviso;*
Se queres refrescar a ardencia dos teus beijos
Na *cascata* final de esplendido soneto,
Dá-me um clima suave em troca d'um pamphleto!
Atiro-te uma estrophe: atira-me um sorriso!

Desce junto de mim, reverbero imprevisto:
Da minh'alma febril os echos derradeiros
Sempre hão de valer mais do que os trinta dinheiros
Por que venderam Christo...

. . . .

A noite suffocou-me em dobras de terror
O largo panorama, o mystico fulgor
Que aos olhos da Desgraça a Crença desenrola.
E no meu coração, eivado de agonias,
Restam, do antigo amor,
Apenas cinzas frias!...
....
....
É pois o teu amor mais que amor:—uma esmola.

E basta. E que mais quero?! a que outra coisa aspiro?
Ah! seja tudo um sonho... uma illusão... Embora!
Tu, que és de tanta sombra a luz consoladora,
O meu Credo serás na derradeira hora...
E será inda teu meu ultimo suspiro.

II

CRENÇAS NOVAS

Em vão busquei de tanta dôr o olvido!
Quiz tornar esta idêa em cinza fria!
Quiz afogar o coração na orgia,
— Elle que andava pelos céos fugido!

Pedi a Deus que me volvesse ao Nada:
Crê: me disse elle: embora na Amargura!
Pedi á Morte a sua mão gelada:
Respondeu-me: Inda é longe a sepultura.

Amar! E porventura existe o Amor
Na face d'este mundo?
Tanta vez o busquei, — balsamo á dôr!...
E ouvi só o estalar da gargalhada
Ao cabo da illusão, — sonho profundo,
Do qual se acorda sem amor, sem nada!

Ás vezes, se creava uma figura
Na mente douda, á luz da Phantasia,
Era ephemero vulto, flor d'um dia,
Crestada logo ao sol da Realidade!
E assim mudadas vi em noite escura
As auroras da minha mocidade!

Então busquei na sombra o eterno esquecimento.
Pois que vale possuir um coração aberto
Aos lumes do Ideal, se fundo soffrimento
O traz constantemente em nuvens encoberto?

Se apenas me restava impalpavel ficção
De tanto amor e luz e céos e immensidades...
Melhor fôra lançar a alma ao turbilhão
Das grandes tempestades...

*

Em vão!... É lá possivel
Que as brazas d'uma orgia
Offusquem a magia
Dos astros sideraes?!
A campa — esse pedaço
Que o corpo rouba á terra —
Acaso dentro encerra
Essencias immortaes?!

O sulco luminoso
D'um vivo pensamento,
Que em noites de tormento
Era unico pharol,
Acaso se desfaz
N'uma hora amargurada,
Qual nevoa evaporada
Aos osculos do sol?!

*

Esses mundos deslumbrantes,
— Estancias de viva luz,
Onde o sonhar nos conduz
Durante a febre d'uma hora,
Não se repellem da idêa,
Não fogem da luz do dia,
Como a noite escura e fria
Foge dos raios da aurora.

Não! não fogem! nem recuam
Ante o fóco da verdade.
Mesmo o pungir da saudade
Os vae tornando immortaes.
A aridez dos desenganos
E o recalcar da agonia
Quebrar-lhes-hão a ousadia,
Mas extinguil-os... jámais!

*

E que não fôra assim, meu seio, amortalhado
Nas dobras sepulchraes do tedio e do cynismo,
Jámais o illuminára o teu brilho sagrado,
Flor de luz, que surgiste á bocca d'um abysmo!

Insensato que fui! Acreditei um dia
Que era facil partir o coração de todo!...
Illusões de quem soffre! Illusões da Agonia!...
— Um só olhar bastou p'ra me salvar do lodo.

*

Mas quem pode adivinhar
Se este incendio que me inflamma
É mais uma esteril chamma
Que as crenças me vem queimar?
Eu sei lá se a viva luz
Que este deserto illumina
É o rubro facho da sina
Que á voragem me conduz!

Eu sei lá se esta ancia forte,
Que invade todo o meu peito,
É ponta d'aza da Morte,
Roçando sobre o meu leito!
Embora! seja o que fôr!
Que importa não ser amado,
Quando se vive embalado
Pela illusão d'um amor?

*

Não sei o que pensar, singela *margarida!*
Eu quero crêr em ti, mas mostra-te qual és!
Abre o calix de luz, ó minha flor querida,
Que eu passarei por sobre a minha propria vida,
Para beijar-te os pés!

III

Bem como sob um ferreo captiveiro,
Longe da patria, em humida enxovia,
O proscripto recorda, noite e dia,
Da Liberdade o resplendor fagueiro,

Assim d'amores pallido romeiro,
Perdida a fé nos mares da agonia,
Lembra a imagem — ainda que já fria,
Mas eterna — do seu amor primeiro.

E como aquelle, quando mais afflicto,
Envia, preso ás azas do Infinito,
Saudoso olhar á patria tão distante,

Assim tambem, se a mágoa nos consome,
Morrerá tudo em nós... menos o nome
De nossa mãe — e o da primeira amante.

IV

O nosso coração!... musculo informe...
E quer... e aspira... e em tanto amor abunda!...
Sim, porque o cinge uma atmosphera enorme
D'affectos, que o imo esteril lhe fecunda.

Tambem a antiga chamma, que não dorme
Um só momento e a terra toda inunda,
Do sol não vem, mas sim (e é mais conforme)
Da atmosphera de fogo que o circumda.

E como a eterna lampada da altura
Entorna, sem cessar, na face escura
Da terra as ondas de seu bafo ardente,

E agita-se... e referve... e não descança...
Tambem o coração jámais se cança
De amar — e ha de amar eternamente.

V

*

MINHA IRMÃ

Amar... — mas é preciso que saibamos
Comprehender bem esta palavra. — Amar
É ter na terra um céo com que vistamos
O peito nu, de angustia a trasbordar;

É ter sempre um degráo a que subamos
Para fallar com Deus; é ter o altar
Da Fé, do Bem... e tudo que buscamos
Na esphera azul, nas amplidões do ar,

Tel-o dentro de nós — tão bem guardado
Em nosso coração... tão bem fechado
Dentro do seio... que, se a tempestade

Ao seio rouba quem o seio amava,
Lá fica ainda, dentro d'elle, escrava,
Uma restia de luz — uma saudade.

VI

LAGRIMAS

Ó Saudade! vês tu?... — A estancia bella
Do meu passado, ó minha dôce irmã,
Evaporou-se, como a luz da estrella
Aos beijos da manhã!

Que escuridão, Senhor! e que deserto
Para quem já fitou tamanha aurora!
E ter eu visto o céo tanto de perto...
E tão distante agora!

Ter eu beijado tanta vez o manto
Que de astros mil á noite se recama...
E hoje... nos labios, que o beijaram tanto,
Sentir um gôsto a lama!

De que nos vale a Fé, se da Agonia
O sopro irado n'um momento abate-a?
Que vale na amplidão, depois que é dia,
A luz da Via lactea?

De que nos serve tanto sonho amigo,
Tanto amor, tanto sol, tanta ventura...
Se o que nasce, já tudo traz comsigo
Um cheiro a sepultura?

Se o pobre, quando nada já lhe reste,
De tanta luz, no seio amargurado,
Tem de pedir aos braços do cypreste
O olvido do passado?...

*

A minha amante!... Ainda hoje, ao vêl-a
Passar na rua em sumptuoso trem,
Quasi me esqueço até de minha mãe
Para pensar só n'ella!

E quando a sege em vôo allucinado
Disparece na curva d'um caminho,
Meu pensamento fica arrebatado,
A divagar sósinho...

A fugir... a fugir por esses ares,
Buscando a luz que brilha *lá por cima,*
Como andorinha que atravessa os mares,
Em busca d'outro clima.

E ella passa... e sua alma empedernida
Não se condóe de mim! e eu (dôr infinda!)
Sinto vontade aos pés d'essa perdida
De ajoelhar ainda!

Tão formosa! — Mas ah! essa belleza
Em ti que vale, ó filha do peccado,
Se arremessaste á valla da frieza
Teu coração gafado?

Se o teu seio, que já me foi sacrario
D'amor (não! — de perfidia) em meus revezes,
É hoje apenas o ingreme calvario
Da bolsa dos burguezes?

Se esses teus labios, purpurinos cactos
Que eu já beijei e que a peçonha alaga,
São vis como o reptil que a gente esmaga
Debaixo dos sapatos?

Se já não posso achar em teu regaço
Essa estancia de rosas e harmonia
Onde á noite minh'alma adormecia,
Prostrada de cansaço?

Tudo morreu, como em distancia um echo!
Ó Saudade! como este sonho pulchro
Tão cedo resvalou, mirrado e secco,
Na pedra do sepulchro!

E amei-a tanto, que inda agora ao vêl-a,
Essa mulher, fitar-me com desdem,
Quasi me esqueço até de minha mãe
Para pensar só n'ella!...

*

Ó minha mãe! Esta alma, se blasphema,
É que a deslumbra o vacuo indefinido
D'essa allucinação, mais que suprema,
De quem se vê trahido!

Em vão tento esquecer essa perdida,
Que me furtou aos braços da *ignorancia!*
Em vão!... Quem pode amortalhar em vida
As impressões da infancia?

Bem sei, ó mães, que é só em vós que temos
De verdadeiro amor uma alma plena;
Mas todos temos olhos com que olhemos
Maria e *Magdalena*.

Todos. E Christo, o scismador profundo,
Uniu-as ambas em divino amplexo...
O mundo as separou... e hoje no mundo
Não bate um só reflexo

Da luminosa concepção antiga,
Que em vão busquei no seio d'essa impura!
Mas nem assim tenho alma que maldiga
O nome da perjura...

*

E será inda amor isto que, ao vêl-a,
Me alaga o peito... e me transporta a Deus...
E empana o brilho, ó mãe, a cada estrella
Que cáe dos olhos teus?

Sim! amor que endoidece e que envergonha,
Sem que um destino mau possa apagál-o!
Quando, louco d'amor, o poeta sonha,
Quem pode despertál-o?

Quem pode d'entre as sombras da agonia
Reconduzil-o á luz?... — Talvez «alguem»:
Talvez tu, a quem devo a luz do dia:
Talvez tu, minha mãe!

VII

NA CAMPA DO PASSADO

Sob a pedra do insulto até que emfim repousa,
Já quasi feito pó, este maldito amor!
Deixemol-o esquecer!... que se elle parte a lousa
É capaz de cuspir na face do Senhor!...

1876-1878.

SEGUNDA PARTE



PSALMOS

*

Préguei a justiça na grande congregação; ah! eu não retive os meus labios, Senhor, tu o sabes.

TRAD. DOS PSALMOS DE DAVID.

Á

MEU PAE

AO HOMEM DE HONRA

E

AO TRABALHADOR CORAJOSO

DEUS

Deus! o alvo supremo, a eterna aspiração
Das almas, este foco, esta concentração
De todo o reflectir dos lumes immortaes,
Esta anciedade occulta, ideal dos ideaes,
Portento creador, inconcebivel *Eu*
Que transfigura em alma o barro onde desceu,
Como o presinto bem entre este borbulhar
De mil mundos em flor! ....
....

A immensidão do mar,
O firmamento, a terra, a luz, o aroma, o ar,
São todos filhos teus, Espirito do Bem!
A natureza inteira, a prodigiosa mãe
De tudo quanto é bom, de tudo quanto é teu,
Sente-te dentro em si, quando alevanta ao céo,
N'um parto vigoroso, as arvores frondosas
E o scismador cypreste e as pequeninas rosas.
Principio, Vida, Luz, Justiça, Omnipotencia,
Palpitas na minh'alma... inundas-me a consciencia...
E a seiva tropical, que o peito nu me inflora,
És tu que eu sinto em mim, feito amor, feito aurora.

—Amor! vaso de sóes, repleto a trasbordar!
Baptismo remidor dos corações atheus,
Bemdito sejas tu! tu és o *Ecce Deus,*
A Canaan no exilio, a escada para o bem.
Sinto-te na attracção do olhar de minha mãe,
Quando o seu terno olhar, em perolas desfeito,
Gotta a gotta me invade a urna do meu peito.
Sinto-te nas visões do martyr da Judéa,
Quando tu, esvoaçando em torno á sua idêa,
Lhe davas um poema em cada *filho prodigo,*
Amor! santo ideal, que não tens lei nem codigo!

De balsamos sacrario, immenso como o espaço,
Tu és o seio aberto, o fraternal regaço
Onde em horas de dôr vou enxugar meu pranto.
Germen da minha vida! amo-te tanto! tanto!
Embalado por ti no berço de creança,
Inda hoje, se vacilla o facho da esperança,
Vou chorar a teus pés, Immaculado! Vê
Como cresce a tua chamma e se transmuda em fé!

Ó Deus! se tu não és esta auréola branca,
— Suavissimo raiar, que as trevas d'alma espanca,
Se a consciencia não és e as ancias de Jesus,
O olhar de Magdalena erguido para a cruz,
A seiva que abastece a terra reflorida,
Esta transmigração phantastica da Vida
Para um ventre fecundo — um ventre de mulher,
Que faz de filho e mãe um unico viver...
Que podes ser então? e como é que eu existo?...

Ah! só tu fecundaste o cerebro de Christo.

Quando, entre o encapellar das ondas incessantes
D'este revolto mar, se fecham hesitantes
As petalas da fé, e a fé quasi se esváe,
Eu sinto Deus até na benção de meu pae!

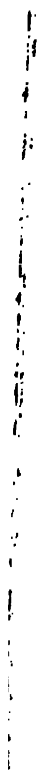
Fevereiro de 1878.

MAGDALENA

— Eil-a! está posta em praça.
Quem quer comprar barato o germen da gangrena?
Vamos! é tempo ainda. Um... dois... Ó Magdalena,
Não achas comprador?! Onde chega a desgraça!

— Ha muito tempo já que é este o meu fadario.
Não valho cinco reis! Que importa, se Jesus
Gravou bem claramente, em paginas de luz,
As crenças que lhe dei na noite do Calvario,
O amor que recebi, sentada aos pés da cruz?

1876.





CANAAN

—

AO SENHOR

GUERRA JUNQUEIRO

Y los pueblos, al fin, llenos de vida,
Llegarán á la tierra prometida.
VENTURA R. AGUILERA.

Tombára sobre a terra o véo de espessa noite.
A voz do vendaval, como um tremendo açoite,
Batia a immensidade. Em volta a escuridão
Tinha abraçado tudo. E vi com pasmo então
Que o solo me faltava: e fui arrebatado,
Nas azas da procella, ao grande descampado
Que parece servir de tecto a todo o mundo.
Olhei. Cá para baixo — um pelago sem fundo.

Para cima — o Infinito ainda! a *claridade!*
A *incognita* que assombra ha tanto a humanidade!
E disse: hei de subir emquanto houver espaço!
— Não! — bradou a atmosphera. E aquelle peito de aço
Não se pode cortar. Resolve-se um problema:
A natureza, não! que a natureza é poema
De mysterios, gravado em torno de mil mundos,
Aberto desde o céo aos antros mais profundos:
Biblia immensa onde a alma aprende a amar e a crer,
Mas que o homem jámais ha de acabar de ler!...

Altas horas, senti que a voz da ventania
Começava a abrandar... A terra descobria
O callejado peito. As nuvens em tropel
Semelhavam, fugindo, arquejante corcel
No ethereo turbilhão de indomita carreira.
Ia a lua a subir, qual trémula caveira
Que a colera de Deus arrebatasse a um tumulo.
E eu, d'um sacro terror alevantado ao cumulo,
Por ti, Senhor, clamei!...
E repentinamente
O céo, prenhe de luz, tornou-se transparente,
De incrivel suavidade. E aquelle clarão dôce,
Espraiando-se lento, assim como se fosse

Um grande mar de sóes, liberto das barreiras,
Alastrou a amplidão. E logo, onde as primeiras
Scintillações de luz se haviam revelado,
Onde o foco, o vigor d'esse lume sagrado
Se concentrára todo, abriu-se o firmamento.
Ouvi um som igual ao fremito do vento
E nada mais. Depois... um silencio de morte!

Então, uma Visão de estranho gesto e porte,
Sob a forma ideal de athletica mulher,
Tão bella como a luz que me fizera erguer
O deslumbrado olhar, parou ao pé de mim.
Seu halito subtil, grato como o jasmim,
Embalsamava tudo. A sua formosura
Nada tinha da terra. Inconsutil e pura,
Sua tunica descia em ondas vaporosas,
Quasi a perder de vista. Um circulo de rosas
Lhe engrinaldava a fronte; e um tremulo sorriso,
No qual se reflectia inteiro o Paraiso,
Mais a animava!
E disse:

— « Eu sou a Consciencia.
Fiz-te subir 'té onde é dado á Intelligencia.

Nem precisas ir mais para abranger de todo,
N'um só golpe de vista, o tremedal de lodo
Onde vegeta e morre a geração humana.
Para erguer-se um palacio arrasa-se a choupana.
Quando na rua os trens calcam a multidão,
O pobre, quasi nu, se acaso estende a mão,
Recebe por esmola: ou um insulto... ou lama.
E no entanto esse mundo é o mundo que se chama
Independente e livre! humano e fraternal!...
Os obreiros da patria inda hoje em Portugal
Choram de opprobrio e dôr! No campo da batalha,
Valentes como heróes, ao sopro da metralha
Fizeram fluctuar, liberrima, a bandeira,
Ante a qual se prostrava humilde a terra inteira.
Que premio lhes ha dado a patria? — a *liberdade*
De andar de porta em porta ao pão da caridade!
Os cerebros de fogo, os lucidos talentos
Que erigem ao paiz eternos monumentos
Em paginas de luz, morrem como Camões
No leito da miseria! Aos grandes corações
Dá-se a esponja do fel! Na habitação da honra
Se acaso logra entrar o espectro da deshonra,
Não ha uma só mão que se lhe atire á face!
Não ha um grito só, uma voz que ultrapasse

O arrojo da ignominia e brade, austera e rija:
« Negreiro, para traz! para traz, sevandija!
Guarda o teu ouro vil, que ao pobre não consola!
Fecha a bolsa da infamia! abre a bolsa da esmola! »
Não ha uma só voz!...

E tu, ó mocidade!
Onde esgotas o ardor da tua actividade?
Que fazes d'essa força — occulta mas immensa —
Que existe dentro em ti? Que fazes da tua crença?
Quando has de subtrahir ás lides dissolutas
Teu sangue — todo vida e força para as luctas?
Quando hei de vêr escripto o *Mane, Thecel, Phares,*
Sobre o templo do Mal — e os impios Balthazares
Sumidos entre o pó, como um sonho desfeito?
Quando?...

Mas basta. Ao mais occulto do teu peito
Faze descer, meu filho, esta ultima sentença:
A terra será luz, quando robusta crença,
Universal e pura, a abrace inteiramente:
— Semelhante a uma cruz que milagrosamente

Tivesse como base o mundo em toda a volta;
E erguida ao infinito, em claridade envolta,
Com os braços cingisse o céo de banda a banda...

A Descrença — bem sei — é a esphinge que vos anda
Os passos a tolher e a macular a idêa!
Mas esse fogo audaz, que dentro em vós se ateia,
Eu hei de conservál-o acceso eternamente.
Filho! quando tua alma, heretica... descrente...
Comece a vacillar, verás a minha espada
Erguer-se flammejante á frente da cruzada,
E has de ouvir-me bradar: «Apostolos, á liça!
Em nome do Dever! em nome da Justiça!»
E tu, á minha voz cobrando nova vida,
Patentearás do povo á onda adormecida:
Com a dextra a officina; e com a outra mão
Os porticos da escola — a sua redempção.
E elle ha de abrir o olhar! cravál-o no futuro!
Sentir-se grande e forte, illuminado e puro!
E, furtando-se ao leito onde o prostrára a incuria,
O mundo libertar de toda a raça espuria!

O Trabalho! A Instrucção! pão do corpo e pão d'alma!

A propria meretriz, que a paz tranquilla e calma
Da familia e do lar, toda afundou no abysmo
Da sua perdição, se a voz d'um cataclysmo
Evocasse da sombra o mundo para a luz,
Eu sei que ella envolvera os braços da sua cruz
No véo da contricção: e um sentimento enorme
Fizera d'uma Lais uma Marion de Lorme.
Soccorre a viuva, o pária, o orfão, o mendigo.
Defende da desgraça o teu proprio inimigo:
Que importa haver em paga a ingratidão mais fria?
A quem remiu Jesus na hora da agonia?
Não foi a um ladrão?...

Vae, filho! e ámanhã
As portas entrarás da nova Canaan!
Aos filhos teus ensina a desprezar o ouro.
Instrúe-os! a instrucção será o seu thesouro:
O pobre que passou a noite mal dormida
Por não ter pão em casa, e tenta contra a vida,
Ah! se soubesse ler... se tivesse ido á escola...
Bastava-lhe o Evangelho! — o Evangelho consola.

*

Crê n'um poder supremo e bom que te domina.
Discutil-o é tornar cobarde ou assassina
A tua intelligencia. A alma aonde existe
A blasphemia do atheu é mais sombria e triste
Que um deserto pinhal, quando acossado vento
Alli vae sepultar seu ultimo lamento...

....

Mas já desponta a aurora e é tempo de deixar-te.
Breve serei comtigo. Adeus, meu filho. Parte!
Ensina a teus irmãos o que escutaste agora.
Que eu veja dentro em pouco, aos raios d'outra aurora,
Fluctuar o pendão do Amor e da Igualdade
Ao sopro da Instrucção e á voz da Caridade! » —

....

E a Visão dispar'ceu. Baixei de novo á terra.
Trazia dentro d'alma enthusiasmos de guerra...
Então, volvi o olhar á sombra para vêr...
E só vi uma cruz na estrada do Dever.

. . . .

Dêmos! dêmos ao pobre um pão e uma escola!
Julgaes que o pouco é pouco á mágoa que o consome?
Ah! para se saber o preço d'uma esmola
É preciso saber primeiro — o que é ter fome.

Agosto de 1878.

[illegible]

[illegible]
[illegible]
[illegible]
[illegible]

[illegible]



ELLES

Le diacre est trahison ; le sous-diacre est vol...
V. HUGO.

A

MEU IRMÃO

Porque na escuridão, como visões satanicas,
Os vejo semeando a discordia e o terror,
Como quem quer roubar quanto ha de luz e amor
Desde a estrella do céo ás solidões oceanicas;

Porque sei que são maus; e leio em seus olhares
Não o olhar que baixou do cimo d'uma cruz,
Mas a chamma que róe a base dos altares
Sobre os quaes agonisa a imagem de Jesus;

Porque os sinto na sombra a architectar a guerra;
Porque os ouço ultrajar os grandes Prometheus;
Porque os vejo curvar a fronte para a terra,
Como quem já não póde erguêl-a para Deus,

É que os odeio, sim! porque andam em segredo
A rastejar, qual verme em flóreos matagaes;
Porque amo a Liberdade e Deus: — unico Credo
Que no berço aprendi da bocca de meus paes!

No berço, ainda infante, eu já sentia ao longe
Uns canticos de paz, cortando a immensidade.
Embalaram-me, em vez das prédicas d'um monge,
Os carinhos do Amor — irmão da Liberdade!

Ó Liberdade!... e ha ahi alguem que inda te opprima?!
Que me peça a razão por que amo a paz e o bem?!
E quem ensina a idêa a amar a luz *de cima?*
Quem é que ensina o filho a amar a sua mãe?



Elles? Não! que o sei eu. — O tigre sanguinario
Combate pelo amor: elles negam a luz.
Ah! se podessem hoje... erguiam-te um Calvario
E arrojavam-te ainda aos braços d'outra cruz!

....

Mas nós, que a nossa idêa e os nossos peitos novos
Trazemos sempre em ancia, á busca de outros céos,
Deixemos que os condemne a maldição dos povos,
E ergamos, toda livre, a fronte para Deus!

1878.

DOIS MUNDOS

N'UMA FESTA DE CARIDADE

AO ILL.^MO E EXC.^MO SNR.

DR. AGOSTINHO DA ROCHA E CASTRO

O homem nasceu pobre. O leito da Igualdade
Foi o berço commum de toda a humanidade.

Ao cahos o destino arranca o sêr humano,
— Autómato que um sopro animador conduz.
A vida era um problema; o futuro um arcano,
Mais negro que uma tumba onde não entra luz.

Era mister luctar! A fome era medonha.
A nudez era gêlo. A isolação tristonha.

A pallida razão pendia sem alento,
Qual vela de um baixel quando socega o vento.

Crenças, não as havia. O peso da materia
Comprimia demais essa preciosa arteria.

Para suster de pé os porticos da vida
Era mister luctar, bater-se como a fera!
E a victima, descrente, exhausta, enfraquecida,
Tinha menos vigor que o sol da primavera.

Ergueu a vista baça. Olhou a natureza,
—A sua grande mãe:—o céo, a terra, o mar.
E viu cada vez mais a athletica grandeza
D'esses gigantes nus á farta prosperar.

Olhou—e aprendeu. O magestoso templo,
Onde bem claros via os fructos da batalha,
Dava-lhe uma lição, um salutar exemplo:
Mostrava-lhe o porvir; dizia-lhe: Trabalha!

O homem trabalhou; cobriu os hombros nus
Com aspero burel,—c'os braços d'uma cruz,

Mas cruz de salvação! sublime preceptora,
Que attrahe á luz do Bem os tristes corações!
Que rouba o criminoso ás vis escuridões
E o vae purificar no fóco d'uma aurora!

O homem trabalhou.—As portas do futuro
Davam-lhe ingresso já. O horisonte escuro
Aclarava-se emfim; e a vida amargurada
Fugia com pavor deante d'uma enxada.
Mais tarde, *ao pôr do sol,*—na idade já madura,
Passeava inda robusto *ao pé da sepultura;*
E os filhos ensinava a estudar a campa
Na sombra que no chão um simples berço estampa.

Cresceu, multiplicou-se emfim a humanidade;
E os netos dos heróes da primitiva edade,
Tão numerosos já, sobre a face da terra,
Como as ondas no mar e os destroços na guerra,

Muita vez, semi-nus, desceram a esmolar,
Cançados de pedir aonde trabalhar,
E ninguem lhes valeu. O barbaro senhor,
Que ha pouco os enxotou dos bancos da officina,
Hoje, ao vêl-os passar, cobertos de suor,
Comsigo resmungou: « Só lhes falta a clavina.
Maldita escoria vil, que pede e não trabalha! »

E aos miseros sem pão deu-se um nome: — a Canalha.

Então, sob a insondavel cúpola do espaço,
Da infinita amplidão no colossal regaço
A terra dividiu-se em dois extensos mundos:
Horisontes sem fim, problemas mais profundos
Que a taciturna paz d'um velho cemiterio.
Enredada questão, surprehendente mysterio
Que o nosso avido olhar a custo desenrola!
Um vive na opulencia: o outro pede esmola.
N'um d'elles tudo é horror! — nova região polar,
Onde a terra é de gêlo, onde é de gêlo o mar.
No outro o amor, o gôzo, a paz, os bens moraes
Mostram a robustez das plantas tropicaes!
E no entanto a extensão que d'um ao outro avança
É o espaço que occupa um berço de creança...

Mas bate-lhes no seio um coração igual.
Em ambos ha, no fundo, a luz do bem e o mal.
Na planicie mais chã levanta-se um calvario.
O ente mais feliz estampa n'um sudario,
Em horas de amargura, a effigie tinta em sangue.
Vós, que as mágoas sabeis da humanidade exangue,
Fazei por arrancar ás dobras da mortalha
O corpo do infeliz que em horrida batalha
Sentiu faltar-lhe o alento... e vae morrer á fome!
Dae ao pobre! ao proscripto, a quem a dôr consome,
E que longe da patria, em triste soledade,
Esta noite talvez se rala de saudade
Ao lembrar-se da esposa e da innocente mãe!
Ó corações de luz! dae, dae ao que não tem!
Que importa o crime seu, na contrição expiado?
Não dá do Christo a lei indulto ao seu peccado?!
Na lousa tumular não vae gravar-se a cruz?!
—Collar-se a um chão de treva o symbolo da luz?!...

São perolas do céo o Perdão e a Esmola.

Vós, os que ha muito estaes no gremio d'essa escola
Onde o mais negro abysmo—o seio mais escuro
Aprende a ler melhor no livro do futuro,

Vós, os que concebeis as grandes redempções,
Que levaes a esperança ao centro das prisões,
Que ao povo abris da escola o resplendente umbral,
Que soccorreis a dôr no leito do hospital,
Fartae! fartae de sol os corações enfermos!
De flores alastrae seus alcantis tão ermos!
E o deus que ninguem nega, o grande deus — Consciencia
Cobrir-vos-ha de paz a senda da existencia.
Mais tarde, em qualquer parte, encontrareis o irmão
Ao qual fizestes bem. Seu grato coração,
Ferido d'esse amor que o faz saltar do peito,
Sobre o vosso se entorna, em lagrimas desfeito.
Caridade!... Onde ha ahi mais valioso poema?
Resolução melhor do assustador problema?...
. . . .
. . . .

É uma scena d'amor a gratidão do pobre:
Quando elle, erguendo o olhar, que o véo da dôr encobre,
Evoca o pranto á luz e, em pranto suffocado,
Nos abraça a tremer, murmurando: — Obrigado!

1877.

TERCEIRA PARTE



O HOMEM

L'humanité, non plus possédée, mais guidée...

V. Hugo.

PADRES!

---

*

PEDRO DE LIMA

I

Sim, tartufos! sois vós que á face do Progresso
Andaes cuspindo o aleive e a affronta systematica,
— Buscando cada vez tornar mais problematica
Uma seita só vossa, a qual eu não professo.

Sim, vendilhões! sois vós que andaes, por todo o preço,
Cortando a *tela azul,* que vossa bocca *extatica*
Chama céo, mas á qual a fria mathematica,
Ha muito tempo já, desenrolou o avesso.

*

Minh'alma ergueu-se á luz... e, procurando Deus,
Achou o inferno: a vida; e n'ella achou, por céos,
Um lar e uma familia! — ahi, onde hei tambem,

Como o infinito, um sol: o Amor! e por estrellas,
Mais claras que as do azul, mais vivas e mais bellas,
Uns olhos que me lança ás vezes minha mãe.

II

Eu rasgaria a folha do Evangelho
Que tal titulo a vós tivesse dado;
— Cegos, que a Christo haveis crucificado,
Porque ante vós não quiz dobrar o joelho!

Foi acaso ao ouvir vosso conselho
Que elle estalou a algema do Passado,
Depois de ter com lagrimas regado,
Com lagrimas de sangue, o mundo velho?!

Buscae, buscae um Deus que vos proteja;
Pintae-o nos paineis da vossa Egreja;
Insufflae-lhe um só Verbo: a Omnipotencia...

Não nos assustareis. — Á humanidade
Basta um unico templo: o da Verdade;
Basta um unico deus: a Consciencia.

EGO SUM QUI SUM

Phantasma do passado, — horrivel... tenebroso...
Sumiste-te afinal! — Os nossos corações
Juntaram, contra ti, seu hymno revoltoso
Aos hymnos da atmosphera, ao canto dos trovões.

Não mais has de toldar o espaço luminoso,
Sombra que dominaste eternas solidões!
Que fitemos o azul, sem um olhar medroso,
Ha muito o estão dizendo as boccas dos vulcões.

Mundos, estrellas, sóes, — planetas que brilhaes
Na abobada infinita! eu sei que gravitaes,
Sem receiar d'*Alguem* a furia soberana:

O « milagre » está morto. As portas do futuro
Deitam para um caminho esplendido e seguro
Onde impera sómente a intelligencia humana.

Quando a fronte levanto á abobada do céo
E fico a olhar, absorto, o lume das estrellas,
Sinto como um trovão, como o echo das procellas,
Uma voz, dentro em mim, rugir: « Maior sou EU ».





CHRISTO

---

*

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO

I

Se eras filho de Deus, se tua essencia
Não foi egual á nossa, mas divina;
Se uma ancia nova ou força peregrina
Te avassallava o imo da consciencia;

Se em vão batia a onda da inclemencia
N'essa alma intemerata e crystallina,
Sem ser mister o escudo da pàciencia,
— Unico deus que os tristes illumina;

Se podias remir a humanidade
Sem ter vertido um globulo de sangue,
E dar-lhe *vida* sem perder a vida;

Se eras um deus e, tendo a Immensidade
Por tua, déste á cruz o corpo exangue,
Então não foste heróe: — foste suicida.

II

Não! tu não foste um deus: — digam-no embora
Uns histriões que chamam sacerdotes,
— Nuncios do Mal, aos quaes a luz da aurora
Jámais varou o panno dos capotes.

Porque não sabem — miseras cohortes —
Quanto resplende o amor de uma só hora,
Crêem herdados de Deus os livres motes,
A sangue impressos pelo mundo fora!

Mas hoje, finalmente, por negar-te
Em vão se esforçam já... Por transformar-te
Em divo actor, debalde se consomem.

Conhecemos teu deus: — era a Verdade:
Era a ancia de toda a humanidade,
Insufflada no peito d'um só homem.

IN EXTREMIS

Á EGREJA

Quando os tibios clarões do sol poente,
Coados através d'uma vidraça,
Me vierem doirar, tranquillamente,
Pela ultima vez a fronte baça;

Quando, no leito, eu sinta eternamente
Partidas as algemas da Desgraça,
— Prestes a hora em que se evade a mente,
E a vida o encêrro fragil despedaça,

Virás tentar-me ainda? — Empenho futil:
Pois *se a Deus tudo é claro,* a Egreja é inutil.
— Não quero em torno a mim, na hora dada,

Senão quanto ha de bello e grande e santo:
O olhar dos que enxugaram o meu pranto
E o seio ardente d'uma esposa amada.

A musica! a harmonia! — uncção religiosa!...
Ah! para redimir os corações atheus,
Basta o echo d'uma harpa em noite silenciosa...
O Bello é tambem deus.

1876-1877.



Indice

Primeira Parte

FLORES D'ABRIL

*